



Gazeta das Aldeias

N.º 2640

1 DE JUNHO DE 1969



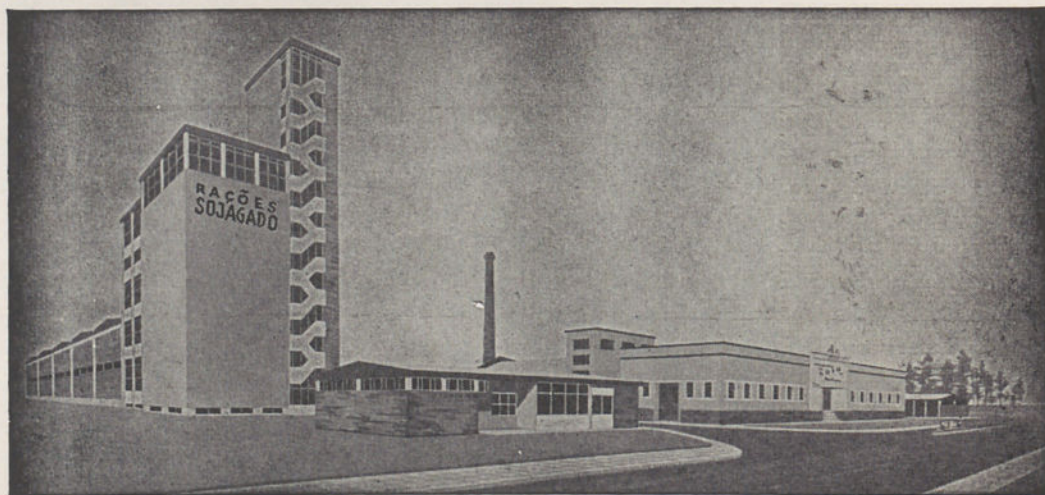
Sala
Est.
Tab.
N.º

ALIMENTOS COMPOSTOS



SOJAGADO

PORTO — OVAR — LISBOA



INSTALAÇÕES FABRIS DE OVAR



← Na Lavoura

BUNGARTZ

Nas Vinhas e Pomares →

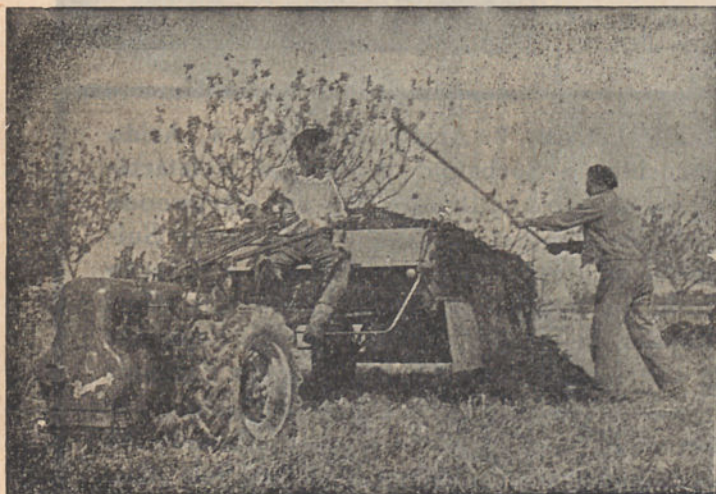
BUNGARTZ



← Nos Transportes

BUNGARTZ

(ISENTO DE CARTA)



9880

**NÃO HÁ MAIS EFICIENTE
NÃO HÁ MAIS ROBUSTO**

Motocultivadores Diesel de 7 e 13 HP.

RAMO AGRÍCOLA DA

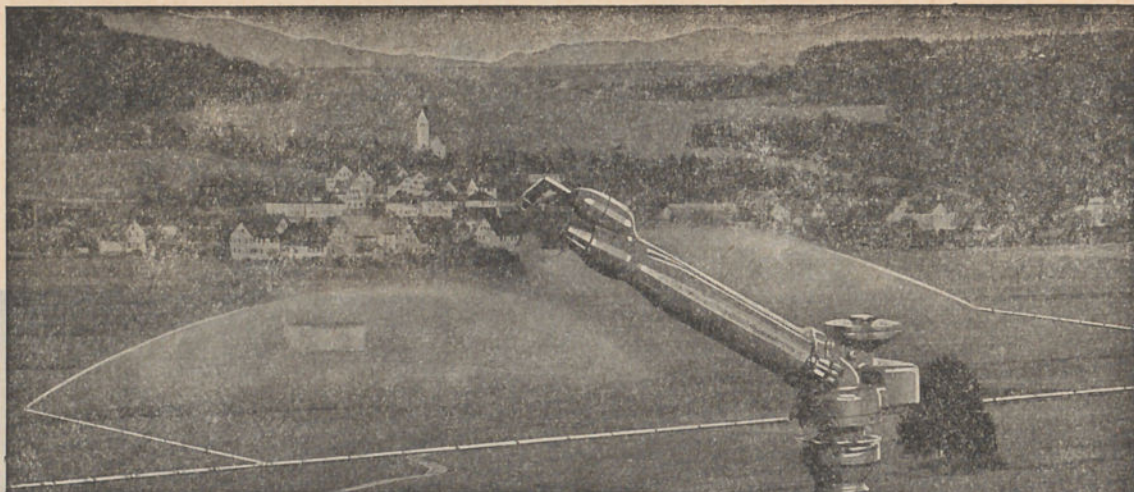
Agência Comercial de Anilinas, Lda.

Avenida Rodrigues de Freitas, 68

PORTO

Telefs. 55161-2-3





Maschinenfabrik A. HOLZ
Wangen i. Allgäu — Alemanha

4412

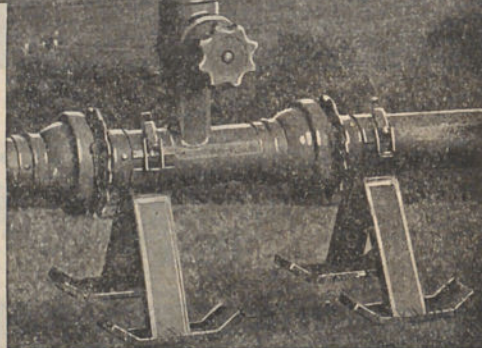
Rega por Aspersão

(CHUVA ARTIFICIAL)

para todos os fins

Representante Geral:

Eng.º Paulo G. Barbosa Pr. Liberdade, 114-4.º
Telef. 20866 — PORTO



*tira cheiros e bolor.
Ajuda a avinhar e melhorar
o paladar e aroma dos vinhos.*

Filtros * Bombas * Rolhadores * Máquinas de gasificar * Máquinas de encher * Saturadoras * Mangueiras de borracha e de plástico, etc., etc.

Acido Cítrico * Acido Tartárico * Acido Ascórbico * Sorbato de Potássio * Metatartárico * Carvão «Actibon» * Taninos «Dyewood» (os melhores à venda em Portugal) * Anidrido Sulfuroso * Metabisulfito de Potássio * Solução Sulfurosa * Gelatina Spa-R * Bentonite «Volklay» * Fosfato de Amónio * Barro Espanhol * Caseína * Albumina de Sangue * Calgonit (o melhor desinfetante e descorante de vasilhas) * Permanganato de Potássio * Carbonato de Sódio * Actisolar * Emboçoi * Bono-Suif (Mastic francês) * Mechas de Enxofre * Glutofix (cola para rótulos) * Goma Laca * Goma Arábica * Parafinas (sólidas e líquidas)

Ebuliómetros * Acidímetros * Areómetros * Glucómetros * Mostímetros * Alcoómetros * Termómetros * Vinómetros * Buretas * Provetas * Balões * Copos * Reagentes, etc., etc.

Sociedade de Representações Guipeimar, L.da

Rua de Rodrigues Sampaio, 155-1.º
PORTO

Telefs. 28093
35173

3876

**ganhe dinheiro
cultivando**

**MILHOS
HÍBRIDOS
CUF**

*

Escolha entre as variedades CUF a mais indicada

*

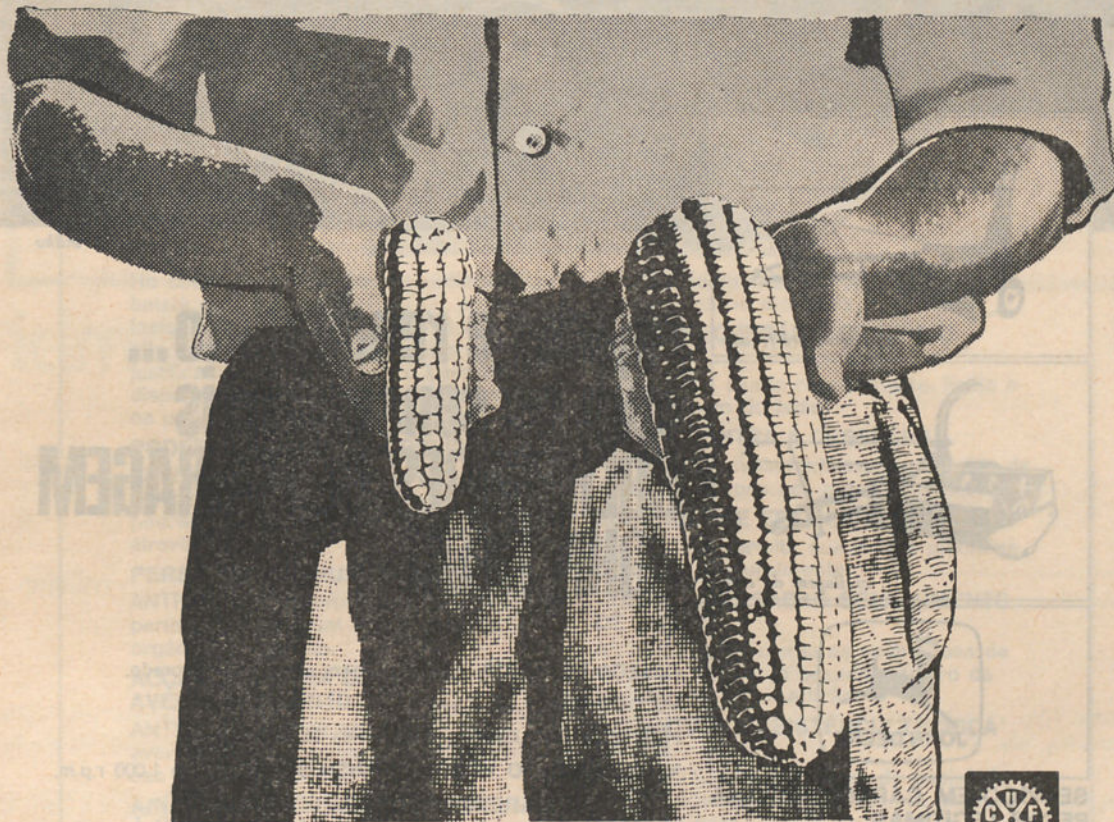
Adube à sementeira com FOSKAMÓNIO

*

Aplique em cobertura, à sacha UREIA

*

Faça os amanhos culturais, regas e tratamentos fitossanitários necessários

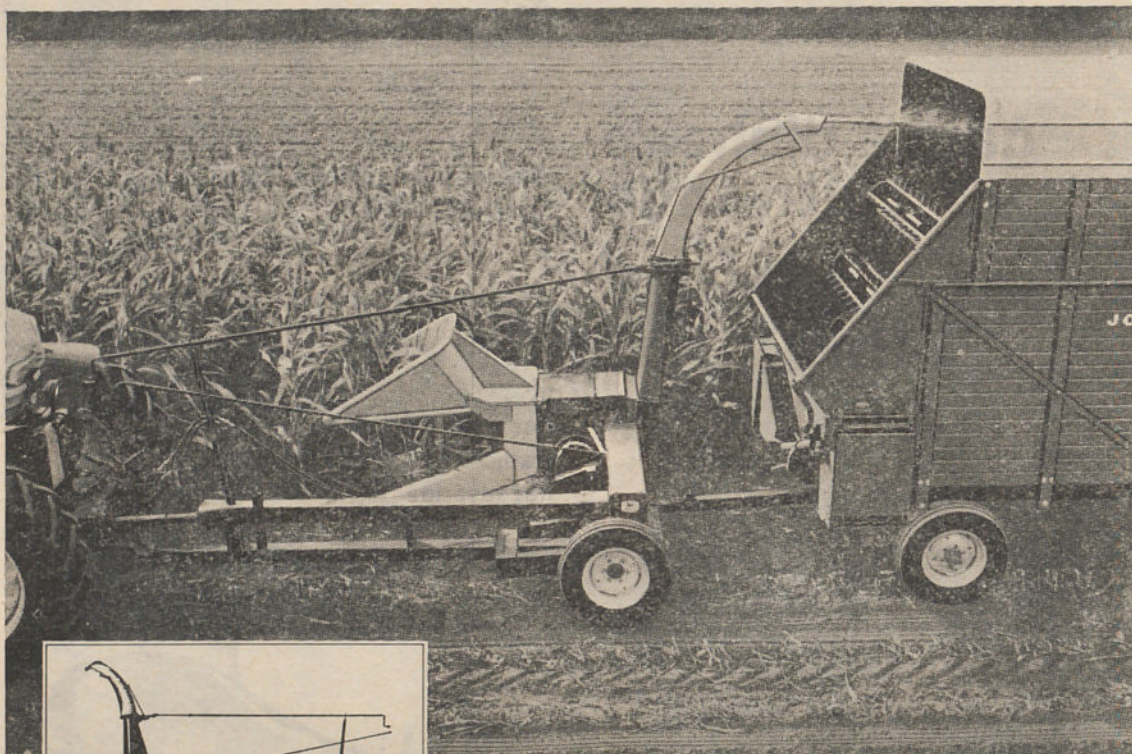


**MILHO HÍBRIDO CUF BEM CULTIVADO
É RENDIMENTO ASSEGURADO**

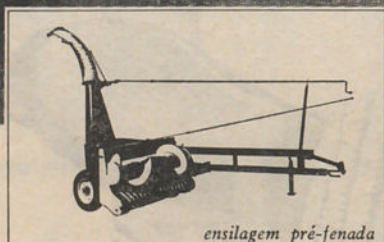


PARA TODOS OS ESCLARECIMENTOS DIRIJA-SE À DEPENDÊNCIA CUF MAIS PRÓXIMA

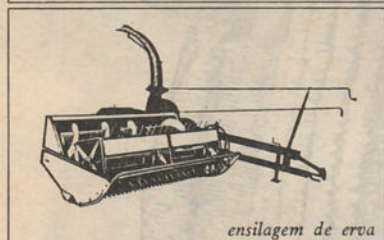
Companhia União Fabril — Avenida Infante Santo, 2 — Lisboa-3



ensilagem de milho



ensilagem pré-secada



ensilagem de erva



**SERVIÇO EM CARROS OFICINA
PEÇAS LEGÍTIMAS**

rapidez e rendimento... com os sensacionais COLHEDORES DE FORRAGEM JOHN DEERE

CABEÇA DE CORTE: Cilíndrica, com afiador incorporado.

VELOCIDADE: 1.275 r.p.m.

POTÊNCIA REQUERIDA: A partir de 35 C.V.

VELOCIDADE DO VEIO DE TRANSMISSÃO: 540 ou 1.000 r.p.m.

John Deere o maior produtor mundial de máquinas agrícolas



SOCIEDADE COMERCIAL GUÉRIN, S. A. R. L. — Avenida da Índia (Pedrouços) — Lisboa — Telef. 61 19 71/4
Filiais, Agentes e Sucursais — Aveiro. Bemposta. Braga. Chaves. Coimbra. Évora. Faro. Portalegre. Sabugal. Santarém.
Setúbal. Soussel. Torres Vedras. Viseu. Leiria. C. Branco. Porto. Bragança. Benavente. V. do Castelo. Mirandela. Vila Real.

A QUALIDADE prova-se com factos



No combate aos míldios da vinha, da batata e do tomate, ANTRACOL prova com factos, com resultados positivos, a sua alta qualidade. Eis alguns factos que justificam a confiança que o Lavrador dispensa ao ANTRACOL e testemunham, na prática, a garantia de qualidade BAYER:

PODEROSA ACÇÃO FUNGICIDA

ANTRACOL, bem aplicado, forma uma barreira defensiva que o míldio e o pedrado das macieiras não conseguem atravessar.

PERSISTÊNCIA INULTRAPASSADA

ANTRACOL mantém-se activo durante um período que nenhum outro fungicida orgânico ultrapassa.

ACÇÃO INIBIDORA DO AVERMELHAMENTO

ANTRACOL retarda ou impede o avermelhamento precoce, ou vermelhão, nas vinhas do Minho.

APLICAÇÃO INDICADA DA PRIMEIRA À ÚLTIMA CURA

ANTRACOL, devido às suas qualidades, recomenda-se para aplicação exclusiva da primeira à última cura.

PERFEITA MARCAÇÃO DAS PLANTAS TRATADAS

ANTRACOL marca perfeitamente de azul as videiras tratadas.

ECONOMIA NA APLICAÇÃO

ANTRACOL, na sua aplicação, é

provadamente um dos fungicidas mais económicos do mercado.

ACÇÃO SECUNDÁRIA CONTRA O OÍDIO

ANTRACOL, usado regularmente, limita o aparecimento do oídio.

EFEITO CONTRA A DESFOLHA

ANTRACOL elimina totalmente o perigo da desfolha precoce nas macieiras "Golden".

AUSÊNCIA DE EFEITOS FITOTÓXICOS

ANTRACOL permite que toda a planta se desenvolva naturalmente.

DOSES JÁ PESADAS SEM AUMENTO DE PREÇO

ANTRACOL apresenta as suas doses de emprego normal já pesadas, dentro da embalagem de expedição.

GARANTIA E ASSISTÊNCIA TÉCNICA BAYER

ANTRACOL tem a garantia de qualidade BAYER e assistência técnica em qualquer ponto do país.

Antracol

VENCE O MÍLDIO



Sachadores e Semeadores
"PLANET"

Charruas de 1 ou 2 leivas

Grades de Molas ou de Discos

Descaroladores, Debulhadoras

Tararas de vários tamanhos

Tractores

"INTERNATIONAL"

Atrelados "AGROS"

tipo Montanhês e Estrada, etc.

Todo o material Agrícola em Geral, assim como:
Sementes para Horta, Prado e Jardim

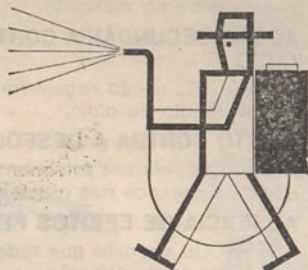
e
Adubos para todas as culturas

Consulte o:

Centro Agrícola e Industrial, Limitada

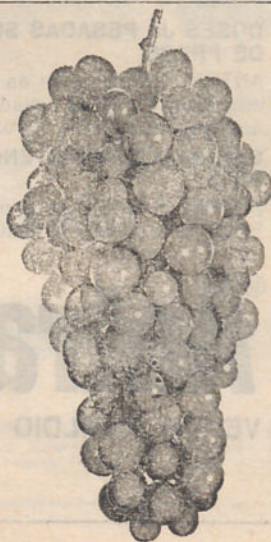
307, Rua de Santa Catarina, 309 * Telef. 25865/66 * PORTO * Teleg. AGROS

2747



Polyram-Combi

Fungicida orgânico contra o mildio da vinha.



BASF Portuguesa S. A. R. L.
Rua de Santa Bárbara, 46-5^o
Apartado 1438
Lisboa 1
Tel. 531117 - 19

BASF

ELPS 4399 p

Atenção Criadores de Porcos!



O Departamento Agro-Pecuário da *American Cyanamid, U. S. A.*, apresenta a *AUREO S. P. 250* — o suplemento alimentar mais recente e eficaz, destinado à cria e engorda dos porcos.

VANTAGENS DO PRODUTO:

- Recuperação de porcos atrasados (os aguadeiros)
- Mais rápido crescimento dos bácoros
- Abaixamento de 15% de quantidade de alimento por kg. de peso ganho.
- Leitões com mais 7 kgs. às 9 semanas.
- Melhoria até 87% nas reposições.
- Possibilidade de desmame precoce por melhor adaptação à alimentação sólida.
- Arranque muito mais fácil e lucrativo, até aos 35 kgs.
- Controla as diarreias, os abscessos cervicais e a rinite atrófica.

3211

Não há nada comparável a esta extraordinária pré-mistura medicamentosa, que vem revolucionar tudo quanto até agora se conhecia, sobre cria e engorda de porcos

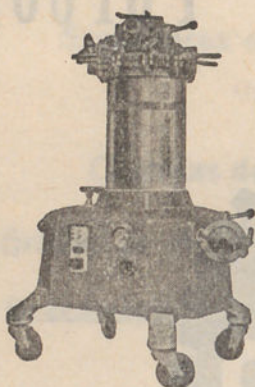
A *AUREO S. P. 250* — é mais um alto serviço que os investigadores da *Cyanamid* prestam à indústria Agro-Pecuária no mundo inteiro.

Apresentação: Sacos de 22,650 kg.
ou avulso.

CYANAMID

Departamento Agro-Pecuário
Cyanamid International
A Division of American Cyanamid Company
Wayne, New Jersey, U. S. A.

Representantes Exclusivos para Portugal Continental e Ilhas:
Sociedade Farmacêutica Abecassis, S. A. R. L.
Rua Conde Redondo, 64, 3.º — Lisboa



Filtros — *De aço inoxidável, para vinhos, vinagres, azeites, etc.*

W i n o — *Mastique especial para a vedação perfeita do vasilhame.*

Tartrix — *O produto ideal para lavagem e desinfeção de vasilhame vinário, leiteiro, etc.*

Collogel — *O produto que evita a precipitação do cremotartaro nos vinhos engarrafados.*

Produtos Enológicos - Material de Adega - Análises

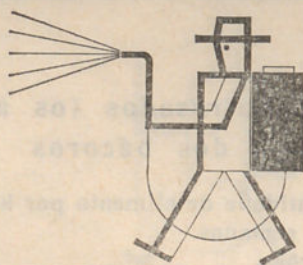


RAMO AGRICOLA da

Agência Comercial de Anilinas, Lda.

Avenida Rodrigues de Freitas, 68 — PORTO — Telefone, 55161

4048



Kumulus

Enxofre molhável de
alta concentração contra o oídio.



BASF Portuguesa S.A. R. L.
Rua de Santa Bárbara, 46-5°
Apartado 1438
Lisboa 1
Tel. 531117 - 19

BASF

ELPS 4406 D

GAZETA DAS ALDEIAS

PLATZ

A mais antiga e mais importante fábrica alemã especializada na construção de máquinas para tratamentos fitossanitários.

|| Pulverizadores
|| Atomizadores
|| Polvilhadores

Distribuidores Exclusivos:

Aguiar & Mello, L.da

Praça do Município, 13-1.º—LISBOA

GAZETA DAS ALDEIAS

(201)

PROVIMI

**CONCENTRADOS
E RAÇÕES**



ASSISTÊNCIA TÉCNICA



PROVIMI PORTUGUESA

UMA ORGANIZAÇÃO AO SERVIÇO DA PECUÁRIA

LISBOA

Rua Filipe Folque, 2, 2.º
Telef. 4 21 11

PORTO

R. Sã da Bandeira, 746, 2.º-Dto.
Telef. 3 08 69

FÁBRICA DE CONCENTRADOS — PAIÁ

FÁBRICAS DE RAÇÕES — SACAVÉM — FARO — VIANA DO ALENTEJO — OVAR — CASTRO VERDE — ALCOBAÇA — ALVERCA (Em construção)
— FUNCHAL — PONTA DELGADA — ANGRA DO HEROÍSMO — MALANGE — LUANDA

DISTRIBUIDORES EM TODO O PAÍS

Gazeta das Aldeias

Fundada por *Julio Gama*

REVISTA QUINZENAL DE PROPAGANDA AGRÍCOLA

DIRECTOR

AMÂNDIO GALHANO

Engenheiro Agrónomo

EDITOR JOAQUIM A. DE CARVALHO

Propriedade da Gazeta das Aldeias (S. A. R. L.) • Redacção e Administração: Av. dos Aliados, 66 - PORTO
Telegramas: GAZETA DAS ALDEIAS - PORTO • Telefones 25651 e 25652Composto e Impresso na TIPOGRAFIA MENDONÇA (Propriedade da GAZETA DAS ALDEIAS)
Rua Jorge Viterbo Ferreira, 12-2.º - PORTO

SUMÁRIO	
Interdependências	595
A propósito de uma visita ao «Coto Doñana» (Espanha) — Prof. C. M. Baeta Neves	594
A crise da lavoura nacional e o seu tratamento — Agrarijus	401
Despacho do Secretário de Estado da Agricultura sobre motomecanização agrícola e florestal.	405
E. F. T. A. — C. E. E. — Capacidade de produção de papéis e cartões — Eng. Silvicultor Maximino Alvarez.	407
Protecção da floresta contra pragas entomológicas — Eng. Silvicultor Carlos David Serrão Nogueira	409
A Nogueira e o seu valor comercial — Eng. Silvicultor Columbano Taveira Fernandes.	415
Trabalhos em Junho	415
Desbaste em montados de sobro — Reg. Agrícola José Farinha.	418
Repartição de terras incultas — Reg. Agrícola J. Costa Rosa	410
A organização internacional do trabalho e a sua cooperação com a O. C. D. E. — José Luis Pessoa da Graça	422
Caça e Pesca — Perdigueiros — Almeida Coquet.	424
SERVIÇO DE CONSULTAS	
— Agricultura	427
— Viticultura	428
— Patologia Vegetal e Entomologia	428
— Zootecnia.	428
Informações	429
«Intermediário dos lavradores»	450

A NOSSA CAPA



Penafiel

ASSINATURAS

Ano	10000
Semestre	55000
Número avulso	5000
Estrangeiro (Excepto Espanha) — mais	50 %

Visado pela Comissão de Censura

INTERDEPENDÊNCIAS

POR menos versado que se seja em política internacional toda a gente ouviu já falar nos grandes blocos económicos — Mercado Comum Europeu, E.F.T.A. e Comecon, isto só para a Europa — e na influência que essas grandes organizações exercem sobre a estrutura socio-económica dos países aderentes e mesmo sobre os dos outros blocos.

Da mesma forma são do conhecimento geral as desinteligências que no C.E.E. (Mercado Comum Europeu) tem havido pela recusa da França em aceitar a entrada da Inglaterra nesse agrupamento.

Ora nós fazemos parte da E.F.T.A. a que também pertence a Inglaterra e a entrada desta no C.E.E. vai por certo implicar o desmembramento da organização a que pertencemos.

A transformação política que neste momento se opera em França tudo deixa prever uma futura breve entrada da Inglaterra no Mercado Comum. E de tudo isto, que parece confuso e que na realidade o é muito mais, se pode deduzir quanto as economias dos países estão dependentes umas das outras.

No Mercado Comum Europeu o «osso duro de roer», tem sido a organização do sector agrícola, difícil por natureza, mais lento em transformar-se, mais complicado em mudar de actividade em que são mais diferentes as diversas políticas nacionais e portanto maiores as modificações que uma uniformização impõe.

Houve em Bruxelas — sede do C.E.E. — choques violentos de opiniões perante um relatório do holandês Sr Mansholt em que, perante estudo profundo dos mercados, o seu autor preconizara uma vasta reorganização do sector agrícola.

Era aqui que queríamos chegar e raciocinemos todos perante as realidades actuais.

Amanhã, se a E.F.T.A. se vier a desmembrar, será o Mercado Comum Europeu que, duma forma ou doutra, irá receber os seus actuais aderentes, mas estes terão que aceitar as imposições duma política económica uniforme, o que implica o aceitarem-se, para alguns países, transformações radicais, até há poucos anos inconcebíveis.

A dureza, a quase desumana segura do tão discutido «Relatório Mansholt» tem pelo menos uma grande virtude — a de ter posto o sector agrícola perante as brutais realidades do presente e do futuro.



A propósito de uma visita ao «Coto Doñana» (Espanha)

Pelo Prof. C. M. BAETA NEVES
Engenheiro Silvicultor

(Continuação do número anterior)

PARA melhor se compreender o interesse da visita ao «Coto Doñana» é necessário dizer a seu respeito qualquer coisa mais, a acrescentar quanto foi descrito no artigo anterior.

Para além das características do ambiente dependentes da flora, ou melhor, da vegetação, há ainda a considerar aquelas que dependem da fauna, às quais será dedicado este outro artigo, segunda parte do tema geral a desenvolver.

Não terá grande novidade quanto vai ser resumidamente exposto, matéria de Ecologia exemplificada no caso concreto do «Coto Doñana», no entanto sempre

valerá a pena chamar a atenção do leitor para alguns aspectos do exemplo escolhido, estudados em profundidade pelo Dr. Valverde, aspectos que, quanto a mim, são muito elucidativos no sentido da demonstração, pela evidência, da necessidade inadiável de serem organizadas entre nós não só a investigação cinegética como a divulgação dos princípios fundamentais da Ecologia animal, nos quais aquela se baseia.

Como introdução valerá ainda a pena, a propósito, referir que comprei recentemente um livro intitulado «Écologie» (Cours Oria, 1^{ere} A, B et D, Hatier, Paris, 1968) adoptado no ensino liceal em França.

Se acrescentar que já anteriormente havia lido um outro, tradução brasileira, edição de iniciativa da UNESCO, também destinado ao mesmo grau de ensino, ficasse não só com uma ideia do atraso em que nos encontramos na organização do nosso ensino liceal mas também da facilidade com que será possível, nomeadamente em França, conseguir uma fácil compreensão, e consequente aceitação, das ideias apresentadas nestes artigos; é que no primeiro livro não só veem esquemas das cadeias alimentares, a que me

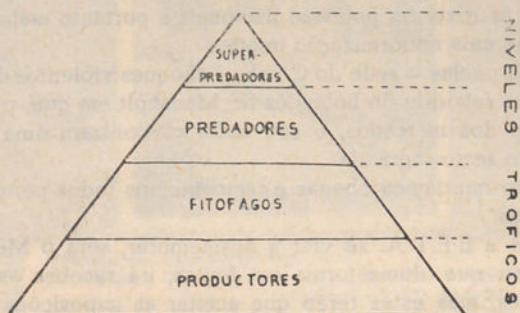


Fig. 1 — Pirâmide de números (Segundo Valverde)

irei referir, e dada a explicação a propósito, como trata do problema dos nocivos, colocando-o no seu devido pé, como ainda inclui um capítulo dedicado à Protecção da Natureza.

Quando entre nós se chama ignorante a quem desconhece estes assuntos e o seu interesse, mesmo só para a Cinegética, corre-se o risco de ofender quem seja considerado como tal, mas na realidade de ignorância se trata, embora, essa é uma verdade, a sua causa transcenda o caso pessoal para ser antes uma consequência do nosso atraso geral.

Mas o que não se pode é aceitar polémicas e perder tempo a discutir com quem se julga sabedor do que desconhece, ou apenas o conhece pela prática; antes valerá muito mais apenas fazer uma vasta e intensa divulgação desses e outros conhecimentos, para que seja depois possível todos os interessados compreenderem a linguagem com que se lhes fala.

Tal tarefa não pode contudo caber só a um ou a um pequeno grupo de pessoas como aqueles que fazem parte da «Liga para a Protecção da Natureza». Terá de ser o Estado que tem de a chamar a si, actualizando os programas do ensino primário e liceal, introduzindo neles as noções de Ecologia indispensáveis, embora elementares, que permitam no futuro os Técnicos encontrarem uma mais fácil compreensão dos seus pontos de vista e do interesse da sua actividade nos campos tanto da Cinegética como da Protecção da Natureza.

Então sim!, será possível conseguir-se alguma coisa de verdadeiramente significativo; por enquanto é um «remar contra a maré» a que só raros se dedicam, enquanto não lhes faltarem a força de ânimo e a resistência física.

* * *

As espécies vegetais e animais que fazem parte de uma «comunidade» (1) divi-

(1) Conjunto de espécies vegetais e animais que vivem num qualquer meio natural, onde encontram a plena satisfação das suas necessidades fundamentais.

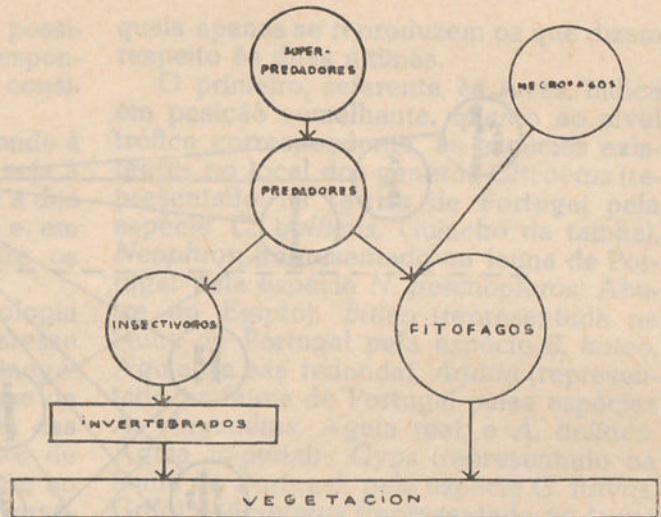


Fig. 2 — Estrutura de uma comunidade de Vertebrados terrestres (Segundo Valverde)

dem-se em três grandes grupos: os produtores, os consumidores e os decompositores.

Os primeiros são os organismos capazes de obter os seus alimentos a partir de substâncias inorgânicas, como acontece com as plantas.

Os segundos são aqueles que se alimentam de outros seres vivos ou de partículas de matéria orgânica, como acontece com os animais.

E os últimos são aqueles outros que, vivendo na dependência das plantas e animais mortos, os transformam em substâncias simples que podem vir a ser utilizados pelos produtores, de que são exemplo as bactérias e os fungos.

Dentro dos consumidores ainda é possível separar os fitófagos, que se alimentam das plantas (produtores) e os predadores ou carnívoros, que se alimentam de animais; podendo ainda subdividir-se o conjunto destes últimos em graus diferentes, separando os superpredadores como são designados por Valverde.

A interdependência alimentar que existe assim entre as espécies vegetais e animais de uma comunidade constitui uma cadeia alimentar, à qual corresponde, quando se considera o número de indivíduos que representam cada espécie animal na comunidade e as suas dimensões relativas, a pirâmide de números, que a

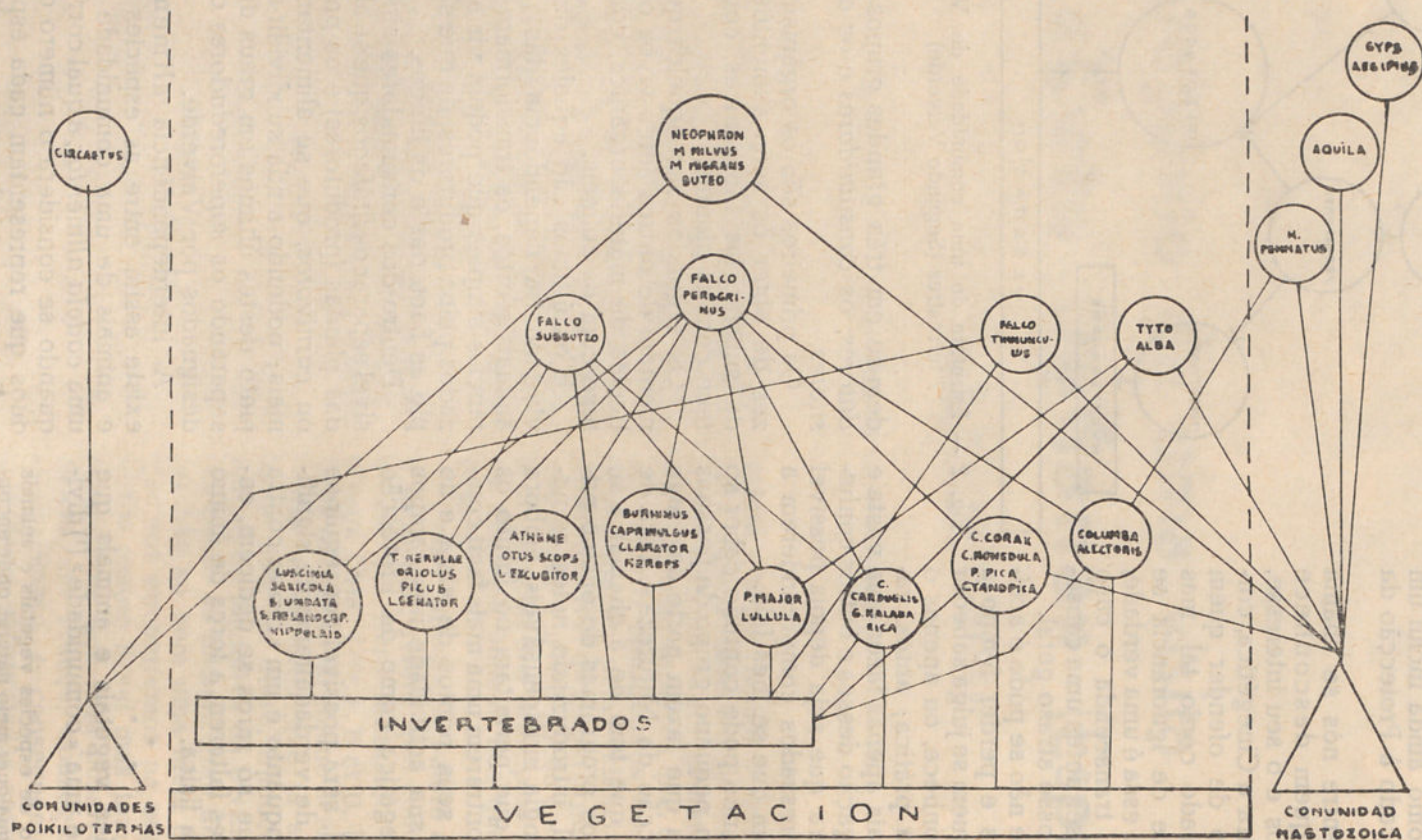


Fig. 3 — Esquema da microcomunidade das Aves no «Coto Doñana» (Segundo Valverde)

figura 1 representa. Nesta ainda é possível, subdividindo-a em faixas correspondentes a cada tipo de alimentação, considerar os diferentes *níveis tróficos*.

A faixa dos produtores corresponde à maior densidade de população, ou seja à representação numérica mais alta, e a dos superpredadores, ao menor número e, em princípio, à maior dimensão, entre os animais.

Estas noções elementares de Ecologia têm, como é evidente, o maior interesse sob o ponto de vista da Biologia cinegética, uma vez que estabelecem a base da interpretação da interdependência das espécies e justificam assim o ponto de vista técnico, que por vezes se opõe ao prático, defendido como o mais conveniente para servir de fundamento à resolução dos problemas venatórios.

O mesmo é dizer que uma coisa é procurar esta última, em cada caso, a partir da noção basilar de que as espécies animais de uma comunidade são interdependentes, outra coisa é considerar, erradamente, diga-se de passagem, como se conclui do exposto, com o mesmo fim cada espécie isoladamente.

Valverde no «Coto Doñana» (conforme se pode ler na sua obra sobre a comunidade de Vertebrados terrestres ali estudada, obra citada no artigo anterior) procurou caracterizar as *microcomunidades* (como as designou) dos diferentes grupos de Vertebrados, uma vez que estes se comportavam com relativa independência dentro da comunidade geral de que fazem parte.

Partindo da base a que correspondem as noções anteriores, concretizadas na figura 1, analisando, de uma maneira geral, a estrutura das comunidades de Vertebrados terrestres, concluiu, por seu turno, que a estas lhes corresponde o esquema representado na figura 2, isto é, que haveria de separar no primeiro nível trófico os Invertebrados fitófagos, que se servem de alimento aos insectívoros, dos Vertebrados fitófagos, e acrescentar os *necrófagos* (que se alimentam de animais mortos).

Das conclusões a que chegou em cada caso estudado, microcomunidades de Anfíbios, Répteis, Aves e Mamíferos, apresenta os esquemas respectivos, entre os

quais apenas se reproduzem os que dizem respeito às duas últimas.

O primeiro, referente às Aves, indica em posição semelhante, quanto ao nível trófico correspondente, as espécies existentes no local dos géneros *Circaetus* (representado na fauna de Portugal pela espécie *C. gallicus*, Guincho da tainha), *Neophron* (representado na fauna de Portugal pela espécie *N. percnopteros*, Abutre do Egipto), *Buteo* (representado na fauna de Portugal pela espécie *B. buteo*, Águia de asa redonda), *Aquila* (representado na fauna de Portugal pelas espécies *A. chrysaëtus*, Águia real, e *A. heliaca*, Águia imperial); *Gyps* (representado na fauna de Portugal, pela espécie *G. fulvus*, Grifo) e *Aegyptius* (representado na fauna de Portugal pela espécie *A. monachus*, Pica-osso) e ainda as espécies *Milvus milvus* (Milhafre de rabo de bacalhau), *M. migrans* (Milhafre preto), *Falco subbuteo* (Falcão tagarote), *F. peregrinus* (Falcão real), *F. tinnunculus* (Peneireiro de dorso malhado) e *Tyto alba* (Coruja das torres).

Contudo, como a figura 3 mostra, há uma nítida diferença entre as interdependências destes diferentes géneros e espécies em relação aos níveis tróficos inferiores; assim o *Circaetus* depende das *comunidades poiquilotermicas* (*), ou seja, neste caso, dos Répteis, os *Gyps*, *Aegyptius* e *Aquila* da *comunidade mastozoica*, ou seja de Mamíferos, e a *H. pennatus*, tanto desta última como dos Invertebrados, de que dependem as espécies dos géneros *Columba* (a que pertencem diversas espécies designadas pelo nome vulgar de Pombos) e *Alectoris* (a que pertence na fauna de Portugal a espécie *A. rufa*, Perdiz). No entanto, como se verifica na mesma figura, não deixa de haver outras ligações entre essas comunidades diferenciadas, as mais ricas em espécies e mais complexas, ligações que, embora dêem certa coesão ao todo, demonstram a dependência existente da microcomunidade das Aves das restantes, com excepção do grupo representado pelas espécies de *Falco*.

No caso dos Vertebrados (fig. 4), destacam-se no mesmo nível trófico superior

(*) De animais de sangue frio.

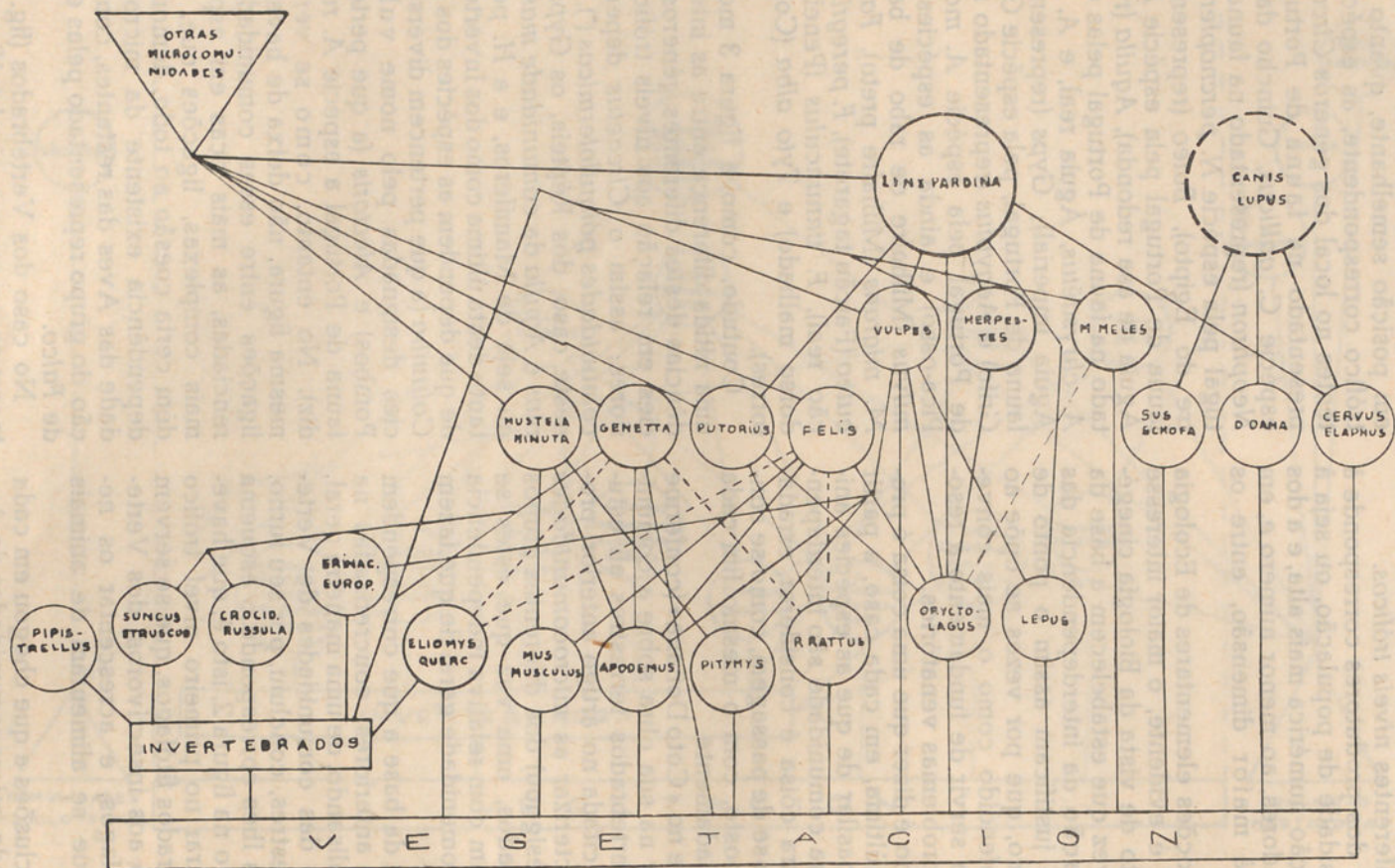


Fig. 4 — Esquema da microcomunidade dos Mamíferos no «Coto Doñana» (Segundo Valverde)

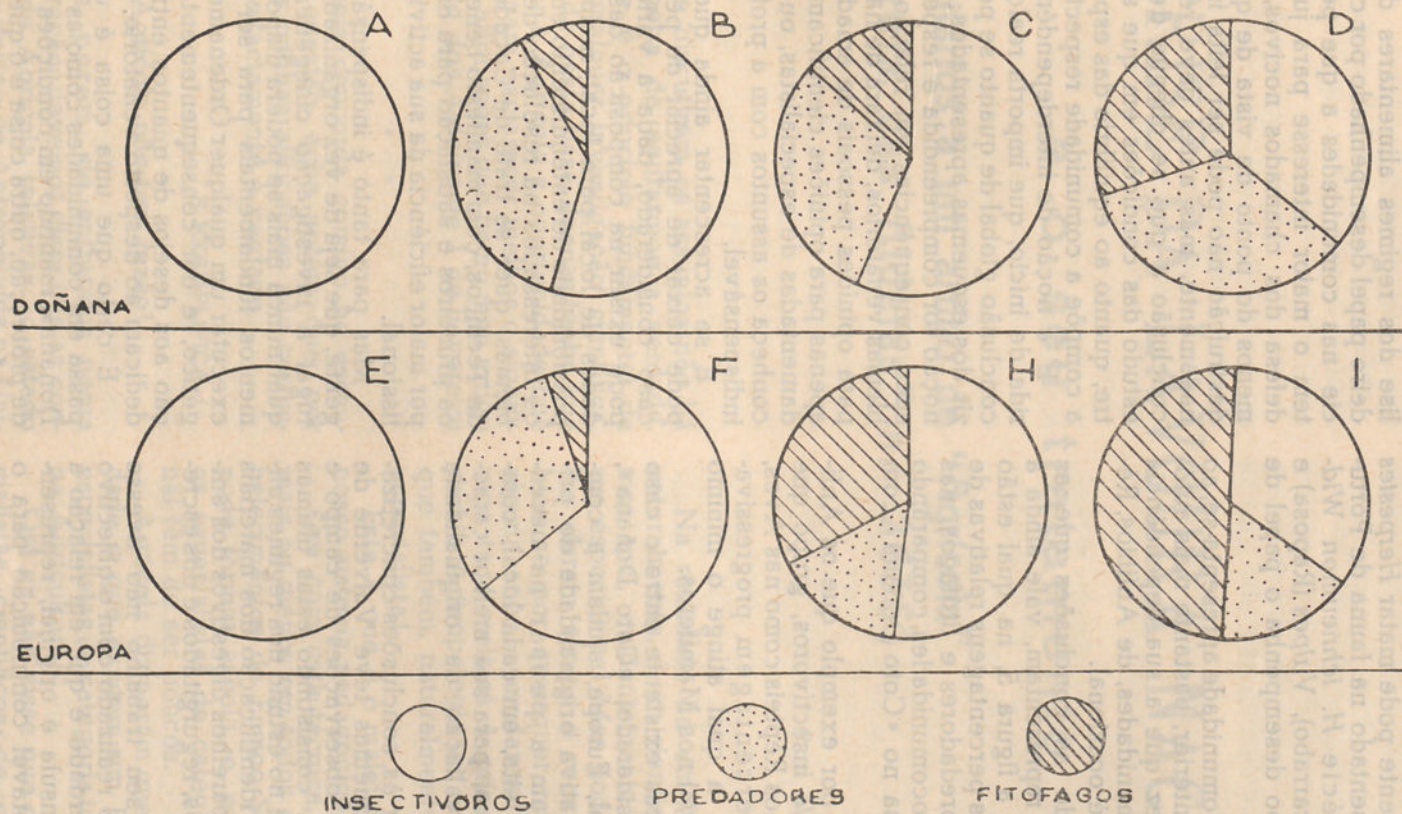


Fig. 5 — Comparação das percentagens relativas de insectívoro, predadores e fitófagos entre as microcomunidades de Anfíbios, Répteis, Aves e Mamíferos e conjunto europeu (Segundo Valverde)

o *Lynx pardina* (Lince) e o *Canis lupus* (Lobo), no entanto nenhuma destas espécies é um superpredador, já que o Lince só ocasionalmente pode matar *Herpestes* (género representado na fauna de Portugal pela espécie *H. ichneumon Wid-dringtonii*, Sacarrabo), *Vulpes* (Raposa) e Cães, e o Lobo desempenha o papel de necrófago.

Esta microcomunidade apresenta-se, ao contrário do anterior, bastante mais autónoma, uma vez que a sua dependência das outras comunidades, de Anfíbios, Répteis e Aves, é ocasional.

Completando as conclusões que as figuras 3 e 4 representam, vale ainda a pena apreciar a figura 5, na qual estão relacionadas as percentagens relativas de insectívoros, predadores e fitófagos, nas diferentes microcomunidades, comparando o que se passa no «Coto Doñana» com a Europa.

Verifica-se por exemplo que os Anfíbios são 100% insectívoros, grupo que domina tanto nos Répteis como nas Aves, embora em percentagem progressivamente menor, a qual atinge o mínimo (abaixo de 50%) nos Mamíferos.

As diferenças existente entre o caso particular considerado, «Coto Doñana», e o caso geral, Europa, ajudam a compreender a relativa originalidade do primeiro e obrigam a pensar na necessidade de ser feita, em cada local, comparação idêntica, para sua melhor caracterização e avaliação da originalidade própria.

Para chegar às conclusões concretizadas nestes esquemas teve Valverde de realizar muitas observações de campo e de laboratório, consistindo estas últimas essencialmente no estudo dos regimes alimentares pela identificação dos materiais colhidos nos aparelhos digestivos dos animais capturados, regurgitados e dos excrementos.

Embora o seu trabalho não tivesse sido o primeiro realizado com o objectivo proposto, a verdade é que em relação à fauna da Península é original, representando uma notável contribuição para o melhor conhecimento de alguns aspectos ecológicos fundamentais para a Cinegética.

* * *

A demonstração feita através de análise dos regimes alimentares do verdadeiro papel desempenhado por cada espécie nas comunidades a que pertencem, tem o maior interesse para justificar a defesa dos chamados nocivos, ou pelo menos do ponto de vista de que a sua destruição não pode ser feita indiscriminadamente, mas antes deve resultar da conclusão a que se chegue depois do estudo das condições em que se encontra, quanto ao equilíbrio das espécies que a compõe a comunidade respectiva.

É a noção de interdependência, referida de início, que importa realçar, como conclusão global de quanto se pode deduzir dos esquemas apresentados; e se essa noção for compreendida e respeitada nas suas consequências em relação aos problemas venatórios, deixará de haver lugar para opiniões pessoais de amadores mas apenas para opiniões cientificamente fundamentadas de especialistas, ou de quem conheça os assuntos com a profundidade indispensável.

E se acrescentar ainda que não se pode deixar de apreciar de per si cada caso considerado, dada a variação que pode existir na composição das comunidades de local para local, maior ainda a possibilidade de entendimento entre todos os interessados na resolução desses problemas, quer se trate de Caçadores quer de Técnicos, com manifesto benefício para os primeiros e satisfação para os últimos, por maior eficiência da sua actividade profissional.

Mas para tanto é indispensável, e urgente, que seja de vez organizada em Portugal a investigação cinegética, sem a qual nunca mais se poderá dispor dos elementos fundamentais para ser possível executar um qualquer Ordenamento cinegético, e dar conseqüentemente satisfação aos desejos de quantos entre nós se dedicam ao desporto venatório.

É certo que uma coisa é o que se passa em comunidades como as do «Coto Doñana», mantido em condições especiais de protecção, outra coisa é o que se passa em áreas cujas condições naturais há muito foram alteradas pelo Homem; no

(Continua na pág. n.º 404)

A CRISE DA LAVOURA NACIONAL

e o seu tratamento

Comentários a um artigo de "Agrícola" ("Gazeta das Aldeias" n.º 2635)

Por AGRARIUS

SEM se discutirem os assuntos não há maneira de apurarmos a verdade. Este é o princípio fundamental de toda e qualquer investigação científica.

Firmado nesta base, apenas tenho que agradecer a *Agrícola* a oportunidade que me deu para esclarecer melhor o significado das afirmações que fiz no meu artigo na *Gazeta das Aldeias* de 1 de Fevereiro passado.

* * *

Agrícola concorda comigo no essencial da questão, acha porém que, por vezes, as minhas afirmações não correspondem exactamente à verdade.

E EXEMPLIFICA.

Mas *Agrícola* não tem razão!

Antes, porém, de entrarmos nessa demonstração, devemos dizer que as conclusões de *Agrícola* relativas ao estado actual do ensino da Antropologia na Universidade de Coimbra não estão contidas nas minhas afirmações sobre a matéria.

Na realidade há um Assistente, que, naturalmente, é um cientista competente, mas que, evidentemente, não pode ser um especialista! Mas pode vir a sê-lo se lhe derem tempo e recursos bastantes. Mas se por quaisquer razões, passados alguns anos, o mudarem para outro serviço tudo voltará à primeira forma; irá para a Antropologia um outro Assistente, que também, naturalmente, não será um especialista!

Este é que é o malefício a atribuir ao nosso sistema pedagógico.

Ora com esta técnica, que se repete mais ou menos em todos os nossos Estabelecimentos de Ensino Superior, não se pode formar escola, e, por conseguinte, os especialistas de categoria internacional têm de ser poucos.

Agrícola diz porém que isto não é verdade e que existem em Portugal alguns especialistas de categoria internacional até na *Agricultura*!

Ora eu não disse que não havia especialistas científicos de categoria internacional, disse que *faltavam*, o que é diferente!

Mas Agrícola concorda comigo afinal, quando diz a seguir: "*Há apenas alguns*", porque a maioria ou trabalham sem meios adequados, ou emigram para o estrangeiro. *Faltam portanto os investigadores científicos de 1.ª categoria!*

Mas as razões pelas quais os especialistas científicos de 1.ª classe nos faltam não são apenas resultantes dos nossos erros pedagógicos!

Falta-nos também o espaço vital donde os extrair!

Os especialistas científicos não são de geração espontânea!

Formam-se nas Universidades e Institutos científicos de nível universitário, e apenas numa percentagem muito pequena da respectiva população escolar!

Ora, nos países como Portugal onde há alguns anos apenas se acabou com o analfabetismo, onde os estabelecimentos científicos de nível universitário são poucos e a massa estudantil pouco numerosa, não há evidentemente oportunidade para se formarem muitos especialistas de 1.ª categoria!

Para se fazer uma ideia do *handicap* que este facto acarreta para a possibilidade de existência de muitos investigadores científicos de 1.ª classe, basta citar o número de universidades que, por exemplo, na Inglaterra, em 1954-55, estavam ocupadas na investigação científica (Cf. *Scientific Research in British Universities. Her Majesty's Stationery Office, 1953*).

Em mais de 70 Universidades, Colégios e Institutos de nível universitário, mais de 900 cientistas se encontravam trabalhando para a investigação!

Num outro ponto importante ainda Agrícola não concorda comigo.

Eu disse que o *British Agricultural Research Council* custava à Inglaterra 284 572 contos por ano, e que, por isso, era um serviço caro.

Agrícola discorda, e diz que, pelo contrário, é baratíssimo. E para termo de comparação indica o custo dos aviões de passageiros e o da Ponte Salazar!

Ora não é legítimo fazer comparações entre coisas heterogénias!

Os investimentos citados são de natureza diferente. Enquanto no caso dos aviões de passageiros e da Ponte Salazar,

se trata de investimentos, que embora altos, são de amortização rápida e garantida, os investimentos intelectuais não têm essas qualidades.

Nunca se sabe quando virão ser amortizados, ou mesmo, se algum dia o virão a ser!

Isto não significa que se devem pôr de parte tais investimentos. *Devemos porém ser prudentes e aproveitar as economias, a este respeito, possíveis.*

Por outro lado, um objecto é caro ou barato, conforme as circunstâncias.

Para um país pobre, com necessidades prementes em todos os sectores da sua economia, *investimentos da ordem dos centos de milhares de contos, por ano*, exigem prudência e ponderação.

Era o que eu queria dizer quando, em referência a este problema, afirmei que não podíamos acompanhar os ingleses pelos mesmos caminhos.

Se os trigos encontrados no México nos poderem servir, creio que não se deve desprezar qualquer tentativa que se possa fazer para comprar a semente.

Mas ninguém diminuiu, ou negou, o reconhecimento ao que se tem feito na *Estação de Melhoramentos de Plantas*, para a obtenção de trigos de maior produtividade que a daqueles com que temos trabalhado.

Referi-me também a duas oportunidades fornecidas para a formação de investigadores científicos.

Quanto à primeira disse que tinha sido um fracasso!

Agrícola não concorda e diz que se formaram muitos e bons investigadores! *Não acredito nem os conheço!*

Dos relatórios dos respectivos bolseiros, que tive a oportunidade de apreciar, se conclui precisamente o contrário.

Os bolseiros, em regra, não cumpriram os programas a que se tinham obrigado!

Quanto à segunda tentativa, que Agrícola diz não saber a que eu me quero referir, informo tratar-se dos recursos postos à disposição dos investigadores no III Plano de Fomento.

Em referência a esse quantitativo Agrícola tem razão. Trata-se apenas de 18 mil contos por ano.

Devemos ainda salientar que o custo da investigação agrícola, ou de qualquer outra natureza, não se limita ao número que os investigadores recebem pelos seus trabalhos e despesas correlativas.

Uma verba muito importante é a que diz respeito aos correspondentes serviços de vulgarização.

De nada servirá gastar dinheiro com a solução dos problemas e abstrair da vulgarização!

Esta é uma das facetas características das mentalidades passivas que se satisfazem com saber que os problemas se resolvem ou estão já resolvidos!

Se se utilizam, ou não, as soluções encontradas é-lhes indiferente!

E' por este simples facto que o atraso é tão manifesto em todos os sectores da nossa economia agrária.

Veja-se o que sucede com a cultura dos milhos híbridos. A produtividade destes milhos é incomparavelmente superior à dos milhos usuais, correntemente utilizados pelos nossos agricultores. Vá lá porém convencê-los de que os devem preferir! Não há defeito que lhes não ponham: *são mais leves, têm aspecto desagradável, a semente é muito cara, etc., etc.!*

E, assim, passados muitos anos, praticamente ainda se não cultivam milhos híbridos em Portugal.

Isto apesar da Direcção-Geral dos Serviços Agrícolas, durante dois anos seguidos, ter realizado, por esse País fora, do Minho ao Algarve, centenas de experiências demonstrativas do valor real desses milhos!

E, ainda hoje, os Serviços Officiais dão um bônus de 500\$ aos lavradores por cada hectare semeado com milhos híbridos.

Ora o serviço de vulgarização tem de acompanhar de perto, e permanentemente, a utilização das descobertas da investigação! *Investigação sem vulgarização pouco vale!*

E, assim, o governo inglês faz acompanhar a investigação agrícola dum serviço eficiente de vulgarização. O N.A.A.S. (*National Advisory Agricultural Service*) que é qualquer coisa de notável.

Não disponho de dados actualizados do custo destes serviços mas possuo o

Relatório referente aos primeiros 8 anos da sua existência (1946-54).

Actualmente, estes serviços custam muito mais, como é natural.

Este Relatório dá-nos o resumo estatístico das suas actividades desde 1 de Abril de 1953 até 31 de Março de 1954, que representa um trabalho de respeito.

Actividade dos funcionários do N.A.A.S. desde 1 de Abril de 1953 até 31 de Março de 1954

RESUMO DAS VISITAS

Consultas	375 223
Visitas regulamentares.	91 662
Outras visitas	68 157
	159 819

Inspecções de searas

Consultas	4 438
Outras visitas para certificação de sementes	7 855
	12 293

Experiências de campo e outras investigações	40 014
Obrigações dos Comités executivos agrícolas - consultas.	45 209

Sumário de outras actividades

Presenças em mercados, exposições, etc.	14 610
Demonstrações e visitas a fazendas	3 683
Conferências em Estabelecimentos das autoridades pedagógicas locais	1 976
Outras conferências	5 522
Palestras em reuniões de grupos	5 033
Total.	663 412

Para se poder efectivar tanto trabalho são precisos muitos funcionários especializados e competentes.

Aqui temos o elenco:

Quadro dos funcionários do N.A.A.S., em serviço em 31 de Outubro de 1954

Directores Superiores (H.O. Officers)	6
Directores provinciais.	8
Directores substitutos.	6
Agricultura geral	455
Economia da terra arável	20
Economia das pastagens	23
Maquinaria Agrícola	72

Economia pecuária	105
Produção de leite	231
Avicultura.	104
Auxiliares consultores	12
Horticultura.	168
Analistas.	30
Bacteriologistas.	30
Químicos do solo.	79
Nutricionistas.	22
Entomologista.	74
Patologistas Vegetais.	40
Nas fazendas experimentais e Estações de horticultura	47
Total.	1 532

O N.A.A.S., como se vê, é um serviço importante, com muitos funcionários altamente qualificados, em regra, e que está organizado e repartido por todo o País — oito centros provinciais e três sub-centros, onde existem bibliotecas, laboratórios e outras instalações necessárias aos serviços.

Tudo isto custa muito dinheiro e exige muito pessoal competente. Ainda que a investigação científica em Portugal fosse eficiente, em relação aos nossos problemas agrícolas — que o não é — a ausência dum serviço de vulgarização de categoria — o que existe é mesquinho, uma fantasia inútil — é suficiente para lhe reduzir o escopo!

E, depois, passam-se os anos e continua tudo na mesma; *marcamos o passo*, o que de facto denota alguma actividade, mas não *passamos da cepa torta*, como diz o povo!

* * *

Como Agricultor vê todo o problema da nossa reconversão agrícola, que está na ordem do dia, tem de ser pensado e repensado!

Não basta ter uns tantos cientistas, ainda que competentes, a trabalhar; é preciso também o resto que se não pode conseguir por *processos de formação acelerada*, que são a *escapatória de emergência* com que a *mentalidade passiva* imagina poder manter-nos na ilusão de que efectivamente estamos produzindo qualquer coisa de útil. Não se lembra porém de que o processo está há muito desacreditado!

Diz o povo, com efeito, *que as cadelas apressadas parem os cachorros cegos!*

Ora nós, nas condições a que chegamos, não podemos aspirar a um serviço de vulgarização que se aproxime do inglês.

Não há pessoal apropriado nem onde o ir buscar. Esse pessoal forma-se nas Universidades e Escolas técnicas de todas as categorias. Em Portugal as escolas técnicas agrícolas de nível secundário, praticamente não existem!!.

E' este *desfasamento* entre a formação e a vulgarização que nos mata e entrava todo o progresso!

A propósito de uma visita ao «Coto Doñana» (Espanha)

(Continuação da pág. n.º 400)

entanto o ponto de vista, segundo o qual os problemas de Cinegética neste último caso têm de ser encarados, é o mesmo

O que se passa no *climax* (1) caso ideal, ou nos Parques Nacionais e Reservas, terá sempre de ser o modelo em relação ao qual deverá ser feita a apreciação do exemplo em estudo, com o objectivo de se procurarem as medidas de ordem ecológica, técnica ou legalmente mais convenientes, para se atingir o equilíbrio desejado entre a produção e a colheita, ainda que, por razões obvias, em condições diferentes do equilíbrio natural que é apanágio das populações animais do climax.

(Continua)

(1) Tipo de comunidade capaz de se perpetuar sob as condições climáticas e edáficas predominantes no local; a comunidade que naturalmente melhor lhes corresponde.

ERRATA

No artigo do nosso ilustre colaborador Prof. C. M. Baeta Neves saíram algumas gralhas que é de todo o interesse corrigir.

São elas:

A págs. 390—2.ª coluna, 7.ª linha onde se lê Mouchão da Póvoa (Tejo) deve ler-se mouchões do Tejo e suprimir tudo quanto se encontra dentro do parentesis a linhas 9 a 11.

Despacho do Secretário de Estado da Agricultura sobre Motomecanização Agrícola e Florestal

Foi enviado para publicação no Diário do Governo um despacho do Secretário de Estado da Agricultura em que se indica ter sido fixado em 150 000 contos, no ano de 1969, o limite dos subsídios e empréstimos a conceder pela Junta de Colonização Interna através do Fundo de Melhoramentos Agrícolas e com destino à aquisição de equipamento mecânico para as explorações agrícolas e florestais.

As alterações verificadas são fruto da experiência e dos resultados obtidos durante o ano de 1968.

Os subsídios mantêm-se, em geral, até 20 % e 10 % do custo do equipamento, consoante são concedidos isoladamente ou juntamente com empréstimos.

Mas para o caso especial de agrupamentos ou associações de agricultores que utilizem o equipamento em comum, visando o apoio a agricultores que, não atingindo a área duma exploração agrícola familiar e economicamente viável, necessitam de se juntar, para das máquinas retirarem o melhor aproveitamento, o subsídio passa a poder atingir o limite legal de 30 %. Trata-se de incentivar a constituição de grupos de agricultores para o apetrechamento de explorações que lhes permitam o rendimento necessário a um razoável nível de vida, considerando índices médios de produtividade.

Por outro lado, a concessão dos empréstimos deixa de ter o limite de 65 %, para poder ir até 80 % nos casos gerais e até 60 % no caso dos referidos agrupamentos

de agricultores, de modo a enquadrar-se no limite legal de 90 %, para o total de empréstimo e subsídio, em vez de 75 %, como no ano anterior.

Verifica-se, assim, uma orientação no sentido de se apoiar, também, a Lavoura de menores recursos, pois as verbas dadas para esse efeito, na forma de subsídios, são bastante significativas, esperando-se que atinjam os objectivos do incentivo à sua necessária mecanização. Dentro do mesmo espírito, ampliaram-se as percentagens dos empréstimos, podendo-se ir agora até ao máximo legalmente consentido.

O Governo pensa que desta forma se dá um passo em frente, da maior relevância, no processo da motomecanização, com reflexos positivos na economia da empresa agrícola, no progresso da agricultura e no bem-estar das populações rurais.

O teor desta importante decisão governamental é o seguinte:

DESPACHO

Fomento de Motomecanização Agrícola e Florestal

1. — O apoio financeiro a prestar pelo Estado para o Fomento da Motomecanização Agrícola e Florestal encontra-se

previsto e regulamentado na legislação de melhoramentos agrícolas — Decreto-Lei 43 355 de 24 de Novembro de 1960 e Decreto 43 661 de 4 de Maio de 1961 — no Decreto-Lei n.º 48 168 de 28 de Dezembro de 1967 e respectivos despachos de execução.

Ao abrigo destas disposições podem ser concedidos, relativamente ao custo do equipamento, deduzidos todos os descontos:

a) — Subsídio não reembolsável até 20 o/o, no caso do interessado não requerer a concessão de empréstimos;

b) — Subsídio até 10 o/o, se for atribuído simultaneamente com empréstimo;

c) — Subsídio até 30 o/o no caso especial de se verificar um relevante interesse económico e social a realizar por um conjunto ou associação de agricultores;

d) — Subsídio e empréstimo até ao total máximo de 90 o/o.

2. — O limite do referido apoio financeiro é, nos termos legais, fixado em cada ano. Igualmente as condições, os princípios de prioridade e outras regras a que deva obedecer a concessão dos subsídios e empréstimos serão definidas por despacho.

Importa, pois, fixar para o ano de 1969 o montante máximo a conceder e, aproveitando o ensejo, conferir mais flexibilidade e maior amplitude às condições do referido apoio.

3. — Assim, o ensinamento colhido pela experiência do ano findo justifica que, no caso de agrupamentos ou associações de agricultores que utilizem o equipamento em comum, para seu integral aproveitamento económico, se possa atingir, para os subsídios, o limite legal de 30 o/o. Neste caso, cada um dos agricultores não deverá exceder em área o âmbito duma

exploração familiar economicamente viável, definida no § único do art. 2.º do Decreto-Lei n.º 43 355, de 24 de Novembro de 1960.

Por outro lado, a totalidade do apoio financeiro, constituído cumulativamente por empréstimo e subsídio, poderá atingir o limite legal de 90 o/o do custo do equipamento, em vez de o empréstimo se limitar, como em 1968, apenas a 65 o/o.

4. — Julgam-se de manter os limites até 10 o/o e 20 o/o para os subsídios consoante sejam, ou não, concedidos simultaneamente com empréstimos.

Nestes termos determina-se o seguinte:

1.º — Para o ano de 1969 foi fixado em 150 000 contos, por despacho conjunto de Suas Excelências os Secretários de Estado do Comércio e do Orçamento, a importância a conceder pelo Fundo de Abastecimento à Junta de Colonização Interna para o Fomento de Motomecanização Agrícola e Florestal, que consistirá em empréstimos e subsídios a facultar através do Fundo de Melhoramentos Agrícolas.

2.º — Poderá ser atingido o limite legal de 30 o/o do custo dos equipamentos, deduzidos todos os descontos, na concessão de subsídios aos agrupamentos ou associações de agricultores que utilizem em comum o equipamento considerado indispensável ao seu integral aproveitamento económico, desde que satisfaçam as condições referidas no n.º 3 do preâmbulo do presente despacho.

3.º — Pode também atingir-se o limite legal de 90 o/o do custo do equipamento, deduzidos todos os descontos, para o total do subsídio e empréstimo, quando concedidos simultaneamente.

4.º — As dúvidas que surgirem na aplicação das disposições legais respeitantes à motomecanização serão esclarecidas por despacho desta Secretaria de Estado.

E. F. T. A. — C. E. E.

Capacidade de Produção de papéis e cartões

1960 — 1970

Por
MAXIMINO ALVAREZ
Eng. Silvicultor

COM uma capacidade de produção total de papéis e cartões, em 1 de Janeiro de 1960, de 9022 e 8390 milhares de toneladas, respectivamente, a Comunidade Económica Europeia e a Associação Europeia de Comércio Livre têm continuado, no decurso do presente decénio, a desenvolver a mesma (Quadro I), que, em 1 de Janeiro de 1970, deverá atingir, na primeira, 16 773 milhares de toneladas e, na segunda, 13 693 milhares, o que traduz, não só a manutenção, em tal data, da posição de vanguarda que neste capítulo a C.E.E. tem vindo a deter ao longo do período, como até uma melhoria percentual na sua contribuição, face à da E.F.T.A., para o montante total da capacidade de produção destes dois blocos económicos. De facto, se eram, em 1 de Janeiro de 1960, de 51,8 e 48,2 o/o, respectivamente, passarão em 1 de Janeiro de 1970 para 55,1 e 44,9 o/o, situação que, evidentemente, se prende com o crescimento da capacidade de cada um deles, o

qual se espera seja de 85,9 o/o na C.E.E. e de 63,2 o/o na E.F.T.A..

No interior de qualquer destes agrupamentos, a posição relativa ocupada pelos diversos países membros não deverá sofrer alteração entre aquelas datas, conforme se pode deduzir das seguintes capacidades, em milhares de toneladas, respectivamente: C.E.E. — Alemanha, 3245 e 5927; França, 2815 e 4335; Itália, 1420 e 4185; Holanda, 1071 e 1585; U.E.B.L., 471 e 741. E.F.T.A. — Inglaterra, 4084 e 5421; Suécia, 2175 e 4700; Noruega, 800 e 1580; Áustria, 574 e 792; Suíça, 476 e 770; Dinamarca, 172 e 245*; Portugal, 109 e 185*. De realçar a notável expansão da Itália, que quase triplicará a sua capacidade de produção (+ 194,7 o/o), e a da Suécia, que mais que duplicará a dela (+ 116,1 o/o), e, ainda, a da Alemanha (+ 82,7 o/o), no primeiro, e a da Noruega (+ 97,5 o/o), no segundo. Quanto aos restantes, seguem-se por taxas de acréscimo, na C.E.E., a U.E.B.L. (+ 57,3 o/o), a França

(+ 54,0%) e a Holanda (+ 48,0%) e, na E. F. T. A., Portugal (+ 69,7%), a Suíça (+ 61,8%), a Dinamarca (+ 42,4%), a Áustria (+ 38,0%) e a Inglaterra (+ 32,7%).

QUADRO I

Capacidade de produção total de papéis e cartões em 1970 relativamente a 1960

Blocos e Países	Índices de 1970 (1960 = 100)
E. F. T. A.	163
Áustria	138
Dinamarca	142
Inglaterra	133
Noruega	197
Portugal	170
Suécia	216
Suíça	162
C. E. E.	186
Alemanha	183
França	154
Holanda	148
Itália	295
U. E. B. L.	157

Entrando-se agora na análise da evolução respeitante às categorias de que dispomos de elementos específicos ⁽¹⁾, começaremos pelo «papel de jornal», isto é, pelo papel não colado (ou apenas muito ligeiramente) nem «couché», com peso entre 45 e 60 g/m² e compreendendo no mínimo 70% de pastas mecânicas (percentagem de matéria fibrosa), do tipo geralmente utilizado para publicações diárias, n.º 48-01-A da Nomenclatura de Bruxelas (n.º 641-1 da C. T. C. I./NDB III).

No que respeita a esta categoria (Quadro II), constata-se pertencer à E. F. T. A. a maior capacidade de produção: 2871 milhares de toneladas em 1 de Janeiro de 1970, em vez de 1958 milhares em 1 de Janeiro de 1960. Entretanto, a sua quota-parte para a capacidade total de produ-

⁽¹⁾ O presente artigo baseia-se em informações colhidas em *L'Industrie des pâtes et papiers: 1967-1968*. Paris, O. C. D. E., 1968.

As cifras afectas de asterisco foram estimadas pelo Secretariado da O. C. D. E.. Quanto aos países, a Inglaterra deve ser tomada no sentido de Reino Unido, a Alemanha de República Federal da Alemanha e a sigla U. E. B. L. por União Económica Belgo-Luxemburguesa.

ção, que nesta data era de 63,7%, elevar-se-á naquela a 65,0%, contra 36,3 e 35,0% da C. E. E., que nesse período sofrerá, pois, um ligeiro retrocesso. A Suécia, que, no intervalo considerado, passará para mais de uma vez e meia a sua capacidade, ao prever subir a mesma de 650 para 1100 milhares de toneladas (+ 69,2%), ocupa já no seio da associação o primeiro lugar, por troca com a Inglaterra, que de 800* milhares se espera venha a atingir 926 milhares de toneladas (+ 20,2%). Segue-se a Noruega, com, respectivamente, 250 e 540 milhares de toneladas (+ 116,0%), a Suíça, que se admite alcance 155 milhares, contra 90 milhares (+ 72,2%), a Áustria, que durante o período cedeu a esta última a quarta posição e reduzirá a sua capacidade de 148 para 130 milhares de toneladas (- 12,2%), e, depois, Portugal, cuja capacidade se presume continue em 20* milhares de toneladas. Quanto à C. E. E., a sua capacidade total de produção de papel de jornal, que em 1 de Janeiro de 1960 era de 1117 milhares de toneladas, deverá experimentar até 1 de Janeiro de 1970 um aumento percentual de 38,3%, cifrando-se então em

QUADRO II

Capacidade de produção de papel de jornal em 1970 relativamente a 1960

Blocos e Países	Índices de 1970 (1960 = 100)
E. F. T. A.	147
Áustria	88
Dinamarca	—
Inglaterra	120
Noruega	216
Portugal	100
Suécia	169
Suíça	172
C. E. E.	138
Alemanha	143
França	102
Holanda	127
Itália	324
U. E. B. L.	76

1545 milhares de toneladas, o que significa uma expansão inferior à da E. F. T. A., que em igual intervalo se estima em

(Continua na pág. 412)

Protecção da floresta contra pragas entomológicas

Por CARLOS DAVID SERRÃO NOGUEIRA
Eng. Silvicultor
da Estação de Biologia Florestal

(Continuação do n.º 2639 pág. 371)

O homem tem modificado imenso a floresta, podendo mesmo dizer-se que a floresta que nos interessa proteger, isto é, a floresta económica, não existiria sem a acção do homem.

A floresta económica, entendendo-se por isso toda aquela floresta que apresenta interesse para o homem, quer directamente pelos produtos que fornece quer por qualquer outro benefício que lhe traga, é em maior ou menor grau o resultado da acção do homem.

Se o homem primitivo pouco ou nenhum efeito tinha sobre a floresta, como aliás sobre todo o ambiente que o rodeava, limitando-se a colher nela os frutos comestíveis e a utilizar os seus ramos como armas ou utensílios rudimentares, logo que aprendeu a utilizar o fogo começou a consumir lenhas e madeiras.

É natural que já neste estado de desenvolvimento o homem começasse a utilizar o fogo para destruir a floresta, e assim afugentar os animais ferozes que com ele competiam pela caça ou mesmo o atacavam, e que na floresta tinham o seu refúgio.

É, no entanto, num estágio mais avançado de civilização que o homem tem grande acção na destruição da floresta.

Quando se faz pastor e agricultor, embora então já utilizasse grandemente a madeira para variadíssimos fins, destrói pelo fogo vastas áreas de floresta para obter terras de cultura e pastos, acabando por degradar a vegetação natural, empobrecendo o solo e até fazendo autênticos desertos. Esta prática tem-se mantido até aos nossos dias. Dela são exemplo flagrante as inúmeras serras nuas de vegetação arbórea ou até arbustiva que ainda se vêem no nosso País, malgrado os grandes esforços de reflorestação feitos pelos Serviços Florestais e até por particulares. Ainda hoje, infelizmente, é vulgar fazerem-se queimadas, não de maciços arbóreos, mas de matos, para se aproveitarem os pastos que nascem nos terrenos onde o fogo lavrou, ou para a sementeira de cereais, impedindo-se que a vegetação arbórea climax se desenvolva, empobrecendo assim cada vez mais os solos.

Não é, porém, sob este aspecto que

nos interessa considerar a acção nociva do homem sobre a floresta.

As necessidades crescentes de madeiras e outros produtos florestais, quer como combustíveis quer como matéria prima de uma sociedade industrial em evolução, levam o homem a encarar a floresta como uma das suas principais fontes de riqueza.

Inicia-se portanto uma exploração sistemática da floresta, utilizando-se primeiro a floresta natural, que começa a ser modificada na sua composição, muitas vezes com efeitos catastróficos.

Cortam-se em primeiro lugar as espécies arbóreas cuja qualidade de madeira melhor satisfaz as necessidades de momento e em breve se verifica que a floresta natural não corresponde ao que dela se exige, pois as espécies menos valiosas, livres da concorrência das árvores cortadas, rapidamente se tornam dominantes. O homem é levado à constituição de florestas artificiais, em que as árvores eleitas, quer provenientes da regeneração natural quer semeadas, são protegidas desde o nascimento, sendo feita a eliminação de todas as outras que com elas concorriam.

Da mesma forma, se se pretende o fruto, ou qualquer outro produto, procura-se proteger as espécies produtoras, eliminando todas as concorrentes, quer arbóreas quer arbustivas, criando matas de uma só espécie.

Sempre na ânsia de produzir mais em menos tempo, e com maior rendimento, começa o homem a criar povoamentos florestais equiâneos, introduz espécies exóticas de mais rápido crescimento, melhora as espécies existentes e cada vez mais faz uma silvicultura intensiva.

Inevitavelmente modifica profundamente a natureza, quer consciente quer inconscientemente, tendo, sobre o meio em que vive, uma acção duma amplitude nunca alcançada por nenhuma outra espécie animal.

Não é, no entanto, ainda sob este aspecto que nos interessa considerar aqui a acção do homem, se bem que o assunto tenha inegável interesse, pois aparentemente parece haver um conflito entre a exploração da floresta económica e a protecção à natureza, a protecção às espé-

cies cinegéticas e até às espécies aquícolas.

A acção do homem, provocando conscientemente a modificação da floresta da forma que lhe seja mais proveitosa, trouxe consigo efeitos laterais prejudiciais à própria floresta, que tanto se empenhou em criar e que paradoxalmente põe em perigo. Em breve o homem se torna consciente dos problemas que ele próprio originou e começa a procurar defender a floresta contra eles. Nasce assim a protecção à floresta, que terá que ser considerada como uma verdadeira ciência, embora integrada na ciência florestal.

É o homem o responsável pela grande maioria dos incêndios florestais e pela gravidade e extensão que muitas vezes atingem.

Tendo formado florestas de uma única espécie e muitas vezes equiâneas, inadvertidamente originou vastas áreas altamente combustíveis, onde a ausência duma manta viva que retenha a humidade e melhor a conserve nas épocas secas, vem aumentar o risco de incêndio. Da mesma forma estas florestas defendem pior a manta morta da acção do vento e do calor, provocando a sua dessecação e tornando-a assim num material altamente inflamável.

O abandono, nas matas, do material de debastes, podas, desperdícios dos cortes e até mesmo ramaria seca, que não tendo valor comercial, se torna oneroso retirar das matas ou destruir pelo fogo controlado, constitui um foco potencial de incêndios.

São ainda os descuidos e imprevidências do homem as causas directas da maioria dos incêndios florestais. Fogueiras mal apagadas, queimadas efectuadas sem as necessárias cautelas, fósforos e pontas de cigarros acêsas, deitadas inadvertidamente na floresta e até mesmo nas estradas que as atravessam, são, embora pareça exagero, as causas principais dos incêndios florestais.

A acção inadvertida do homem na introdução e propagação de doenças, na floresta, é também muito grande. Constituinto povoamentos estremes facilita o desenvolvimento de agentes patogénicos, pois aproxima os seus hospedeiros, que na floresta natural estavam separados por

árvores de outras espécies, as quais, não sendo infectadas por esses agentes, se tornavam um entrave à sua propagação. Da mesma forma, constituindo povoaamentos equiâneos, facilita também a propagação dos agentes patogénicos, visto que, em regra, as espécies florestais têm idades críticas em que são mais facilmente contaminadas.

Introduzindo espécies exóticas, introduz muitas vezes, inadvertidamente, doenças que podem mostrar-se extremamente graves para as espécies indígenas. Chega mesmo a importar espécies resistentes a determinada doença, que, por sua vez podem trazer com elas um outro agente patogénico de consequências mais perigosas que a doença que se pretendeu combater.

O transporte dum local para outro de árvores para plantar, sementes, material lenhoso, etc., é outra forma de difundir os agentes patogénicos e alargar as áreas de ataque.

O problema das infestantes é talvez de todos o que mais flagrantemente depende da acção do homem. Em associações vegetais climácicas ou mesmo em sucessões vegetais, não há plantas infestantes. Todas elas ocupam o lugar que lhes compete na associação. Foi o homem, quando se fez lavrador, que começou a considerar como daninhas todas aquelas plantas que competiam com as suas culturas e lhes diminuam as produções e que, portanto, procurou destruir. Todavia é ele que, procurando dar às suas culturas as melhores condições de crescimento, favorece o desenvolvimento de outras plantas que têm as mesmas preferências que a planta a proteger e que, portanto, começam a competir com ela.

Da mesma forma o homem, introduzindo plantas exóticas, quer arbóreas quer arbustivas ou mesmo herbáceas, muitas vezes só com fins ornamentais, origina o aparecimento de infestantes perigosas e muitas vezes difíceis de combater.

As pragas entomológicas são também, na maioria dos casos, originadas directamente pela acção do homem, não só pela constituição de florestas estromes e equiâneas, como até muitas vezes pela importação de árvores e sementes, que podem

vir contaminadas, ou mesmo pela introdução de insectos para estudos, que por imprevidência ou acidente podem ser disseminados, acabando por constituir pragas.

E' ainda inconscientemente que o homem, na ânsia de obter maiores rendimentos, e portanto melhores condições de vida, procura obter pastagens das suas matas, modificando muitas vezes a manta viva, por forma a que possa ser aproveitada pelo gado, e para aí o leva a pastar durante uma época do ano. Este, por sua vez, dando preferência a umas ervas em detrimento de outras, não só vai empobrecendo cada vez mais a pastagem, como continua a modificar a manta viva, do que a floresta se pode vir a ressentir.

O gado em excesso prejudica a floresta, calcando o solo, favorecendo a erosão, não só por destruir a manta viva como pelos sulcos que abre ao deslocar-se, destruindo e danificando árvores novas, podendo vir a causar grandes prejuízos.

A acção do homem sobre a vida selvagem pode igualmente causar graves danos. Destrói espécies animais que lhe são prejudiciais ou caça em excesso outras que lhe interessam pelos produtos que fornecem, provoca desequilíbrios e favorece a proliferação de outras espécies que se mostram imensamente nocivas à floresta. Procura muitas vezes, também, proteger espécies que lhe agradam, destruindo os seus inimigos, alimentando-as nas épocas de escassez, e o resultado é uma proliferação exagerada da espécie protegida, e até de outras, que foram indirectamente beneficiadas, com grave prejuízo para o habitat que ocupam.

O homem tem pouca acção directa no clima, todavia a sua intervenção na floresta vem muitas vezes agravar os efeitos do clima sobre esta. Diminuindo o coberto pode fazer aumentar os efeitos nocivos das geadas sobre as árvores novas, provenientes da regeneração natural e favorece a acção nociva do calor e do vento sobre o solo e manta viva e morta. Destruindo a manta viva favorece o arrastamento da manta morta e a erosão e degradação do solo florestal.

Os gases venenosos e os fumos, que podem muitas vezes afectar a floresta, são, na sua grande maioria, provenientes da acção homem e um efeito secundário

da sua actividade. Actuam, não exclusivamente sobre a floresta, mas sim por toda a região por onde se espalham. Inclui-os entre os agentes atmosféricos cuja acção é prejudicial à floresta é minimizar o problema. Eles deverão ser integrados no panorama geral da poluição do ambiente, que afecta a floresta, como aliás todas as outras manifestações de vida.

A acção do homem, na protecção do meio ambiente contra a poluição, pode ser muito grande, pois, sendo ele que a provoca, a ele compete evitá-la ou, pelo menos, reduzir os seus efeitos ao mínimo.

Esta é uma ideia resumida dos efeitos indirectos que o homem pode ter sobre a floresta em exploração, que ele criou e que lhe interessa manter a todo o custo, não só pelo valor directo que tem a floresta, como até pelos benefícios indirectos que dela pode receber, os quais, sendo muitas vezes difíceis de calcular, ultrapassam em certos casos o valor dos produtos comercializáveis obtidos. Entre esses benefícios é de frisar a importância da floresta no ciclo da água. O seu papel é enorme, não só como forma de melhorar o aproveitamento das águas pluviais que retém e permite que se escoem mais lentamente, como na protecção e diminuição do açoreamento das grandes obras da hidráulica. Neste aspecto o papel da floresta chega a ser considerado, nos países mais desenvolvidos, como atingindo 85% do valor total dos benefícios que ela proporciona.

A protecção da floresta é, pois, encorada por todo o mundo com o maior interesse, não só pelo valor dos produtos que põe à disposição directa do homem, como pelo seu papel primordial na conservação do solo e da água, pelo seu interesse para a protecção da vida selvagem e até mesmo como simples logradouro e motivo turístico.

Conhecendo-se os efeitos desastrosos que teve a intervenção humana, criando a floresta económica, procura-se por todo o lado fazê-los diminuir, lançando mão de todos os recursos actualmente postos à disposição da ciência silvícola e, embora lentamente, alguns sucessos se vão obtendo.

Em vez do antagonismo entre a exploração económica da floresta e a conser-

vação da natureza que, à primeira vista, parece existir, procura-se por todo o lado uma solução de compromisso em que todos os aspectos são considerados. Conquanto os interesses imediatos do homem possam por vezes ser cerceados, a resultante final esperemos que seja em benefício do próprio homem. Para isso há ainda um longo caminho a percorrer e o fim em vista só se alcançará com a íntima colaboração de todos os que se dedicam aos diferentes assuntos em jogo, o que aliás é a orientação que, pelo menos nos países mais avançados, se começa já a divisar.

(Continua)

E. F. T. A. — C. E. E.

Capacidade de Produção de papéis e cartões — 1960-1970

(Continuação da pág. 408)

46,6%. Na C. E. E., não se prevê praticamente qualquer mudança no que concerne ao país possuidor da maior capacidade no decurso do período em análise, e que é a França, com 470* milhares de toneladas em 1 de Janeiro de 1960 e 480 milhares em 1 de Janeiro de 1970 (+ 2,1%). A esta quase estagnação corresponderá, porém, no que se refere à Itália um grande desenvolvimento que, ao passar de 135 milhares de toneladas para 437 milhares, mais que triplicará a sua capacidade (+ 223,7%) e trocará o quarto posto pelo segundo, anteriormente ocupado pela Alemanha, com 235 milhares de toneladas, mas que descerá ao terceiro, com 337 milhares (+ 43,4%). Quanto aos restantes, a Holanda, dispondo da terceira capacidade de produção há um decénio, transitará para o quarto lugar, aumentando, no entanto, aquela de 157 para 200 milhares de toneladas (+ 27,4%), o mesmo se não devendo verificar com a U. E. B. L., cuja capacidade se estima desça de 120 para 91 milhares (- 24,2%).

(Continua)

A NOGUEIRA

e o seu valor comercial

Por
COLUMBANO TAVEIRA FERNANDES
Eng. Silvicultor — Investigador Florestal

(Continuação do n.º 2639, pág. 367)

COMO dissemos anteriormente tanto a noqueira de fruto como a de madeira podem proporcionar ao agricultor e ao País possibilidades económicas muito vantajosas. Referimos ainda que é possível aumentar consideravelmente a superfície de cultivo de ambas as espécies, dado as condições agro-climáticas de Portugal lhe serem de um modo geral favoráveis.

A noqueira é de todas as espécies lenhosas que vegetam no território metropolitano aquela que mais sofre com a concorrência de outras árvores sobretudo quando explorada como árvore florestal pois desenvolve-se deficientemente, ou mesmo sucumbe, quando se encontra mais ou menos encerrada num macisso florestal.

Em povoamento e de uma maneira geral as noqueiras devem ser plantadas a uma grande distância umas das outras mesmo quando a sua cultura visa a produção de madeira. Normalmente preconiza-se como mais vantajoso o compasso de 12 a 14 metros mas segundo as técnicas modernas de exploração a sua cultura pode efectuar-se com compassos bastante menores sem que daí resulte diminuição significativa no desenvolvimento e pro-

dução. É certo que a noqueira de fruto requiere maior espaçamento mas julgamos não ser de aconselhar mais do que 10 metros.

Desde que se verifiquem as condições agro-climáticas já referidas anteriormente qualquer local é próprio para cultivar a noqueira sendo até possível o aproveitamento das bermas das estradas embora nestas seja mais aconselhável a plantação da noqueira (*Juglans nigra* L.).

No nosso País há regiões onde a noqueira vegeta perfeitamente nas bermas das estradas e a altitudes superiores a 700 metros (Fig. 1).

Ao constituirem-se povoamentos de noqueiras há que escolher não só a cultivar (variedade) mais aconselhável mas também aquela que melhor se adapta à região. Para nogais de madeira a cultivar deve ser ainda de crescimento assaz rápido e produzindo nozes de aproveitamento industrial.

A maioria das variedades de noqueiras são híbridos entre as duas espécies e ainda entre estas e a noqueira cinzenta. Os cruzamentos são frequentes e híbridos



Fig. 1 — No Concelho de Lamego é frequente a cultura da noqueira com bom aproveitamento a altitudes superiores a 700 metros e nas bermas das estradas

mais ou menos complexos se formam por fecundação cruzada.

Como se corre o risco de uma semente de noqueira não dar individuo semelhante ao progenitor quando pretendemos nogais para produção de fruto temos de recorrer à enxertia. É na verdade por multiplicação vegetativa que há garantia da transmissão de caracteres.

A enxertia tal como sucede relativamente ao castanheiro e outras espécies agrícolas pode ser de garfo, escudo e flauta ou canudo. Quando se pretende enxertar árvores grandes deve usar-se o garfo disposto em coroa sobre ramos de diâmetro inferior a 10 centímetros.

De entre os métodos que parecem conduzir a melhores resultados na propagação pelo enxerto da noqueira é o de escudo em plantas jovens de viveiro o qual tem maior êxito nos meses de Julho e Agosto.

Quando se pretende cultivar noqueiras para produzir nozes a escolha do porta-enxerto tem grande importância sendo considerados como melhores do ponto de vista do seu aproveitamento a *Juglans regia* de pé franco e a *Juglans nigra* americana. As enxertadas sobre a primeira

espécie dão árvores de maior longividade mas de um modo geral tardam mais a frutificar.

Ao plantarmos noqueiras para produzir fruto ou madeira temos de ter em consideração que elas devem ter um grau elevado de resistência a certas doenças de origem bacteriana ou criptogâmica com carácter epidémico.

Dentro o que nos é dado conhecer as noqueiras sucumbem em percentagem elevada à vulgar «doença da tinta» dos castanheiros, havendo regiões do País onde grassa com grande intensidade causando danos consideráveis nos nogais que nelas vegetam.

A noqueira no entanto é mais resistente que o castanheiro ao mal da «tinta» como temos verificado nas prospecções realizadas e nos ensaios experimentais que ultimamente temos feito no Centro de Estudo do Castanheiro, com vista a encontrar clones resistentes nos individuos obtidos por semente de *Juglans regia* L.. Contudo, no campo das pragas que assolam a noqueira e nos meios de identificação e combate muito há a realizar, embora alguma coisa se tenha feito como oportunamente se referirá.

O agricultor quando pensa estabelecer povoamentos de noqueiras para produção de madeira quase sempre exita porque normalmente são necessários muitos anos para se conseguir bom material lenhoso. Porém, este problema subsiste relativamente à maioria das árvores florestais.

Segundo dados colhidos por técnicos franceses a noqueira pode ser explorada aos 70 anos e dar cerca de 1,5 metros cúbicos de material de boa qualidade para os vários fins a que se destina.

No entanto, em determinadas circunstâncias favoráveis ao desenvolvimento vegetativo e com recurso a híbridos de crescimento rápido o periodo de exploração normal pode ser antecipado 10 anos. Sendo assim a noqueira compara-se ao pinheiro mas com a vantagem de produzir melhor material lenhoso.

É claro que tal como sucede para qualquer exploração do tipo florestal quando constituimos nogais trabalhamos mais para os nossos descendentes mas não deixamos de colher ainda alguns frutos

(Conclui na pág. n.º 419)

Trabalhos em Junho

Nos campos

Iniciar ou continuar, para o Centro e Sul, os alqueives de Verão. — Estravessar, entravessar, refender ou atalhar as terras já decruadas e gradar outras para as abafar a tempo.

Terminar, nos primeiros dias, as sementeiras do milho, de folha, com ou sem feijão rasteiro, feijanico ou feijoa; semear milho de relva, restivo ou contrafeita, estreme ou associado àquelas leguminosas.

Não esquecer tratar a semente com os insecticidas próprios para proteger a planta jovem dos ataques do «alfinete» que tantos prejuízos causa.

Ultimar a sementeira de feijanico ou feijão frade, estreme, e a do feijão do tipo «pear-bean», nas terras frescas.

Terminar a sementeira e a plantação do arroz, nos terrenos apaúlados, adubando previamente as marinhas em seco. — Adubar em cobertura o já plantado há três semanas ou o semeado. — Plantar pimentão e tomate para a indústria.

Sachar (decruar, arrendar) batata, feijanico, girassol e milho e amontoar já batata e milho de sequeiro.

Mondar e regar linhos e cânhamos.

Regar prados de trevo violeta e de luzerna.

Capar melões e abóboras, assim como os tomateiros adiantados, e aplicar-lhes nitrato ou nitramoncal em cobertura, se for necessário. — Fazer as arrelentas, relenteios ou desbastes necessários.

Sulfatar batatais e tomatais com caldas cúpricas ou de fungicidas orgânicos de síntese e defender do piolho especialmente os meloais (melões e melancias), e feijoais.

Ceifar e debulhar cereais de pragana

(centeio, cevada, trigo), tendo o cuidado de separar as manchas melhores para a semente.

Apanhar e debulhar ervilhas e favas. — Apanhar garrobas e misturadas, seradela para semente, assim como bersim e trevo da Pérsia.

Apanhar no Algarve, o grão-de-bico mais adiantado.

Segar ou gadanhar os lameiros ou lenteiros, e secar, atar, embarracar ou enfardar os fenos.

Nos olivais

Regar onde seja possível, as plantações mais atrasadas para garantia do pagamento.

Estar atento aos ataques da «mosca» que tantos estragos causam. O combate a esta praga é já hoje possível, mas para ser economicamente viável há que observar com cuidado o olival de forma a fazê-lo só quando necessário e na oportunidade devida.

Inspeccionar as prumagens para lhes quebrar os ladrões se aparecerem e os enxertos para os aliviar da vegetação desnecessária.

Chovendo, estravessar ou redrar mais uma vez com grade de molas ou escarificador, e abafar de seguida ou ao mesmo tempo.

Nas vinhas

O mês de Junho é um dos meses mais críticos para a vinha sob o ponto de vista da sua sanidade. O mildio, se ataca, pode destruir a produção pela invasão dos cachos, que faz cair e abortar. E o oídio se o tempo é favorável, não mais os abandona até que aparece o pintor.

Tem de estar-se atento para intervir sem tardança. A calda cúprica ou as caldas de fungicidas orgânicos de síntese continuam a aplicar-se preventivamente; o enxofre usa-se curativamente, quando o oídio se manifesta.

Se num ou noutro ponto, porque houve descuido, é ineficaz, recorre-se à calda de permanganato a 0,75 a 1 por mil. Lembra-se ainda as vantagens das caldas mistas de cobre e enxofre ou de orgânicos e enxofre. Os modernos enxofres molháveis e os micronizados facilitam a sua preparação e aplicação.

Apesar de bastante diferente, tem-se confundido já o mildio com o oídio. Depois dos bagos estarem já vingados, aparece uma modalidade de mildio que é designada no Minho por guedelho.

O aspecto pulverulento à primeira vista indica o oídio ou cinzeiro. Mas observação mais atenta mostra logo as diferenças: o guedelho é, a bem dizer, mais granuloso e mais claro e na primeira fase, despega-se do bago com facilidade; o cinzeiro, farinha ou farinhoto é pó mais fino e acizentado.

O tratamento com o enxofre é ineficaz contra o guedelho. Só as caldas de permanganato, seguidas de caldas cúpricas podem, até certo ponto, entrar a doença.

A medida que a temperatura se eleva e o ar seca diminuem as possibilidades de ataques tanto no mildio como do oídio. Mas, é nos sítios baixos, nos vales apertados e mal arejados, onde a humidade possa acumular-se, que o mildio e o oídio podem fazer estragos se não se estiver atento.

A desfolha e o esladramento

São operações que se completam e andam ligadas. Tiram-se as folhas mais velhas, abaixo do primeiro cacho e eliminam-se todos os ladrões ou mamões que não seja necessário aproveitar para formar vara de poda. A desfolha está indicada nas videiras muito folhudas e nos sítios mais húmidos e menos ventilados. Favorece a limpeza ou purga e facilita os tratamentos fungicidas. Mas é necessário fazê-la com especial cuidado. Não se pode, como é frequente, arrancar ao acaso. Cortam-se as folhas a meio pé

só onde é preciso e sempre pela parte de baixo do primeiro cacho.

O esladramento deve preceder a desfolha. E' que a eliminação de um ladrão basta às vezes para evitar o corte de folhas.

No tronco, até os primeiros braços, todos os ladrões desaparecem, a não ser que seja necessário deixar nalgum liso uma espera. Nos braços cortam-se todas as varas que apareçam em volta da principal. Deixando-as, prejudica-se não só o crescimento da principal como posteriormente, na poda, se têm de fazer outras tantas feridas. Geralmente não se presta o devido cuidado a este pormenor e daí o acontecer que as varas de poda são más e as cepas enfraquecerem com os sucessivos ferimentos.

Correntemente as varas desnecessárias são esgarçadas. O processo é mau, porque dá origem a ferimento grande. E' mais recomendável quebrá-las o mais possível. Com o polegar e o indicador, o serviço faz-se rapidamente. A unha do polegar também às vezes se usa vantajosamente.

Nos pomares

Enxertar, ainda de anel, enquanto a casca der, nas regiões mais frescas — amendoeiras, ameixeiras, castanheiros, nogueiras e pessegueiros; e de escudo (olho vivo) os citrinos e outras fruteiras.

Observar a ligadura dos enxertos feitos anteriormente e eliminar os rebentos dos cavalos ou padrões.

Redrar e regar os pomares de espinho e os bananais — Cortar os rebentos em excesso das bananeiras e libertá-las das folhas secas e da flor dos cachos. — Aplicar cal ou sucedâneos, nos terrenos que a não possuam de preferência na forma líquida.

Defender das pragas e malinas: do pedrado das pereiras com caldas apropriadas; — da lepra do pessegueiro; — das lapas, escamas e cochonilhas com emulsões oleosas de Verão; — dos piolhos ou pulgões com caldas nicotinadas, e caldas apropriadas que se encontram no mercado; da mosca da fruta, com frascos apanha-moscas ou caldas clordânicas; de vários insectos, com faróis armadilhas durante a noite.

Nos viveiros

Mudar plantas do seminário para o plantório. — Sachar, mondar, regar e esladroar. — Aplicar nitrato ou nitramoncal ou água choca, se for necessário estimular.

Enxertar segundo as espécies dos cavalos que existam, especialmente as fruteiras de caroço por anel, apito, gaita ou canudo.

Abrijar nascedios do excesso do Sol, especialmente das laranjeiras e de eucaliptos.

Nas matas e nos matos

Recolher gema nos pinhais de acordo com as boas regras técnicas.

Descorticar, segundo as regras estabelecidas e com o cuidado necessário para não ferir o entrecasco ou a mãe da cortiça.

Concluir o corte de eucaliptos nas regiões continentais de Verão seco e prolongado e de Inverno rigoroso sujeito a fortes geadas.

Cortar matos para camas e estrumes, cuja produção pode intensificar-se pela elevação do calor onde não falte água.

Limpar aceiros e arrifes.

Intensificar a vigilância contra incêndios.

Nos jardins

Semear ainda em sítios frescos e abrigados dos ardores do Sol, anêmonas, boas-noites, chagas, galhardias, gipsofila, papões. — Alporcar craveiros.

Transplantar papagaios, sécias, zínias; e mudar para os vasos maiores, os criântemos enraizados.

Regar, mondar e sachar intensamente. Desligar os enxertos das rozeiras, feitos anteriormente quando tiverem 3 a 4 folhas, para que se não dê o estrangulamento dos ramos; — aplicar nitrato, nitramoncal ou água choca àquelas cuja floração quiser prolongar-se. — Estacar as dalias.

Cegar os botões excessivos aos craveiros em flor, para que esta atinja toda a pujança.

Quando as folhas principiarem a ama-

relecer levantar as cebolas das plantas que já floriram — lírios da transilvânia, gladiolos, jacintos e tulipas, guardando-as, depois de libertas da terra, em tabuleiros colocados em local seco e arejado.

No apiário

Procede-se à colcação de alças, no norte do País, segundo o critério e as regras mencionadas no mês anterior.

No sul terminam, geralmente nesta quadra, as extracções do mel; mas na zona central é quando se iniciam.

Em todas as localidades em que as abelhas costumem fazer ainda uma colheita serôdia de néctares, as alças, depois de esvaziadas do seu conteúdo, são, ao anoitecer, novamente colocadas nas colmeias, onde se deixam ficar até Setembro ou Outubro, conforme a região do País.

Nesta altura é que se faz a extracção do mel outoniço e se retiram as alças definitivamente para o armazém.

Nas regiões, porém, em que as abelhas não consigam proporcionar-nos nenhuma colheita no tarde, as alças, após a extracção, voltam para as colmeias apenas pelo espaço de dois ou três dias, a fim dos favos serem limpos dos restos de mel que contenham, sendo depois desse prazo retiradas para casa, onde ficam empilhadas até à Primavera seguinte, desinfectando-se periodicamente com vapores de enxofre por causa da «traça».

Toda a cera proveniente de favos velhos, bem como a resultante da desoperulação deve ser, conforme dissemos no mês anterior, rápida e cuidadosamente purificada e depois enviada para uma oficina de moldagem.

Continua a recomendar-se a todos os apicultores a conveniência de apartarem, por ocasião da cresta, alguns quadros com favos de mel oporculado, que deverão conservar armazenados, a fim de poderem socorrer facilmente, e com eficácia, os enxames que durante o Inverno venham a apresentar-se com falta de provisões.

Sendo já elevada a temperatura nesta altura do ano deve proceder-se à distribuição pelo apiário de tachos com água,

Desbaste em Montados de Sobreiro

Sobreiros secos e doentes

Por JOSÉ FARINHA
Reg. Agrícola

III

EMBORA sem entrarmos em grandes pormenores, fizemos aqui referência nas últimas notas à poda ou esgalha dos montados de sobreiro, e aproveitamos hoje para falar de outras práticas igualmente de assinalado interesse para os montados, desde que as mesmas sejam convenientemente orientadas. Referimo-nos em particular ao desbaste, e deste em especial ao corte de sobreiros secos e doentes, que por uma ou outra razão vão sempre aparecendo ao longo da vida do montado. Falaremos ainda de uma ou outra prática de menor interesse, mas igualmente de considerar para o caso do desbaste em causa.

Das operações mencionadas a do desbaste propriamente dito é sem dúvida a mais importante, salvo se outras razões estranhas à vida normal do montado, originarem o aparecimento de um ano para o outro, de elevado número de sobreiros secos, doentes, etc. A não se verificar nenhum dos referidos inconvenientes, e diga-se já que normalmente eles não acontecem, o desbaste cultural, prática corrente, normal em montados, tem primazia sobre as restantes. O desbaste quando convenientemente praticado e tal como se infere da própria palavra, consiste na eliminação do que está a mais no mon-

tado, e ainda do que não oferece garantias futuras. Exactamente por esta razão, devem cortar-se todos os sobreiros doentes, os que produzem cortiça de inferior qualidade, e estes últimos podem ou não estar doentes, assinale-se já, os que por esta ou aquela razão secaram, os chaparros que existem em excesso, tudo isto se deve fazer, não só como medida de ordem técnica, e num ou noutro caso ainda, como medida profilática, mas igualmente de ordem económica, uma vez que se podem colher ainda alguns benefícios, do que já não oferece garantias futuras. Para já portanto esclarece-se que o desbaste tanto pode fazer-se incidir em sobreiros já criados, isto é, com uma ou várias tiradas de cortiça amadia, embora afectados por esta ou aquela razão, como sobre os chaparros, cujos troncos como está bem de ver, ainda se apresentam revestidos de cortiça virgem.

Deixemos para o final o desbaste do chaparral, e falemos em primeiro lugar, do desbaste do sobreiral, porque é na presente questão a prática mais importante, e exactamente por essa razão, a de maiores reflexos de ordem técnica e económica na vida dos montados, como teremos oportunidade de ver.

O leitor menos inteirado nestes problemas, começará desde logo por formular a pergunta: Porque não se faz o desbaste enquanto o futuro montado, não ultrapassou a fase de chaparral? Sim, porquê? Não é enquanto as árvores são novas, que é mais fácil de eliminar o que não serve? É exacto, mas não é menos verdade também, que o desbaste impõe-se, quer na fase de chaparral, quer na fase

munidos de bóias de cortiça, para as abelhas se dessedentarem.

Convém igualmente proporcionar maior arejamento a todos os enxames que forem encontrados a fazer «barba», isto é, que mostrem sofrer de excesso de calor.

de montado, mais que não seja, por algumas das razões já atrás referidas. É do conhecimento da grande maioria dos subericultores, que o desbaste continua a praticar-se ao longo de toda a vida do montado, embora a períodos espassados e mais ou menos determinados, coincidindo, regra geral, com a tiragem da cortiça, que é aliás o mais indicado para esse fim, e exactamente por essa razão, assim é determinado oficialmente. Também não é menos verdade, que se desbasta por variadíssimas razões, nuns casos por conveniência de ordem técnica, tendo-se em vista uma melhoria geral do montado, outras por razões de ordem sanitária, pois bem se sabe que é de toda a conveniência, abater os sobreiros que vão adoecendo e por conseguinte antes que aquela se propague a todo o montado. Também se desbasta por efeito de maselas resultantes de cortes feitos em troncos e pernadas, ou, inclusivamente, resultantes de tiragens de cortiça mal orientadas, o que acontece principalmente nos pontos de incensão das pernadas mestras. Procede-se ainda à prática do desbaste, por efeito do adensamento das árvores que, como está bem de ver, quando devidamente cuidadas, atingem com o decorrer dos anos, cada vez maior desenvolvimento vegetativo, logo a copa das árvores entra em concorrência, prejudicando-se mutuamente, pelo que a partir de então, impõe-se o corte das que oferecem menores condições tecno-económicas, quer do ponto de vista corticeiro, isto é, no que respeita a qualidade e quantidade de cortiça produzida, quer em relação ao vigor das árvores.

Desbasta-se ainda por definhamento geral das árvores, enfraquecimento que regra geral tem a sua origem, ou num excessivo descortiçamento, ou numa poda demasiado intensa, dado que uma e outra das referidas práticas quando levadas a efeito sem qualquer controle, conduzem, de um modo geral, à quebra de vigor das árvores. Também a excessiva eliminação do sistema radicular do montado, em resultado de lavouras profundas e frequentes, tendo sobretudo em vista a cultura cerealífera de sequeiro, obrigam frequentemente ao corte de elevado número de árvores, e, quando assim não se

procede, estas acabam por secar, limitando-se a partir de então o seu aproveitamento para lenha ou carvão, quando, se tivessem sido cortadas em devido tempo, a cortiça virgem ou «folca» conforme o período do ano, seria o seu melhor rendimento.

Todas as razões apontadas são motivo de desbaste, embora, como é evidente, umas mais do que outras, e só por efeito de desbaste, é possível conservar o montado nas melhores condições de vegetação e de sanidade.

A noqueira e o seu valor comercial

(Conclusão da pág. n.º 414)

do nosso trabalho uma vez que da noqueira se podem retirar proventos valiosos alguns anos depois da plantação.

Do ponto de vista industrial a madeira de noqueira é das melhores e muito procurada devido às suas propriedades físicas e mecânicas e ainda por causa de determinadas qualidades estéticas. Foi outrora empregada em larga escala no fabrico de hélices de aviões e montagem de espingardas de guerra sendo ainda hoje muito procurada para construção de armas de caça.

A madeira de noqueira é muito apreciada em marcenaria e a indústria transformadora utiliza-a em grandes quantidades. Aquela de boa qualidade e de menores dimensões emprega-se muito na confecção de diversos objectos esculpidos e torneados, em contraplacado, como madeira prensada na construção urbana e em mobiliário e ainda tacos para soalhos etc.. A sua coloração escura e veios mais ou menos bem definidos dão-lhe um cunho muito característico que muito a valorizam.

Do ponto de vista económico a madeira de noqueira tem grande importância pois tem um valor comercial muito especial que ultrapassa o da maioria das madeiras nacionais.

Pena é que não seja possível uma maior expansão da cultura da noqueira pois os seus produtos têm colocação assegurada tanto no mercado internacional como no nacional.

Repartição de terras incultas

Por J. COSTA ROSA
Regente Agrícola

UMA das formas adoptadas pelo México moderno para desenvolvimento da sua comida, baseada sobre a cultura da terra como tem vindo a ser desde tempos remotíssimos, muito anteriores à terrível ocupação espanhola, é a da cedência de terrenos incultos, propriedade do Estado ou dos municípios, a agricultores que as aproveitem por meio de agricultura e de pastorícia: é, afinal, uma forma de colonização interna do País, o qual ainda hoje é tão grande apesar de ter sido em tempos largamente rapinado pelos Estados Unidos da América do Norte, seu vizinho ao longo da fronteira norte e que lhe levou, como se de coisa sua se tratasse, a Califórnia, o Novo México, etc..

A essa forma de colonização chamam os mexicanos: *ejidal*, e são *ejidatários* os os seus beneficiários, quase todos pertencentes ao mais baixo estrato social do país — os ameríndios —, pobres como Job e lastimavelmente marginais na organização duma sociedade que, depois da ocupação espanhola, se dividiu em duas cortantes camadas sociais: a dos ricos proprietários da terra e do dinheiro, em geral de ascendência espanhola dos conquistadores — e a dos outros...

Estes — os chamados *peónes* — são os tais ameríndios, quer se trate dos de pura cepa indígena provindos dos primeiros povoadores do país: os toltecas, os aztecas, os maias, etc., quer se trate dos mestiços destas raças pela miscigenação com o espanhol ocupante, dominador, senhor

absoluto e cruel (nesses tempos) das terras, das riquezas e das gentes.

Os *ejidos* (os campos repartidos) são hoje uma das maiores esperanças da economia e da tranquilidade do México actual, que alfim — depois de tantas revoluções sangrentas, bárbaras, crudelíssimas a que tantos de nós, da minha idade, ainda assistimos até pouco depois da primeira década deste século — acabou por aprender a filosofia do preto africano criador da anedota célebre e saborosa segundo a qual um elefante, um macaco e um preto bulharam bravamente por causa dum cacho de bananas até ao ponto de, em raiva acesa, terem levado o legítimo até à entidade superior para que o resolvesse antes que a guerra estalasse e submergisse os contadores, todos três sem vislumbre de entendimento mútuo, num lago de sangue!

É a sentença veio do alto:

"Dai a cada um dos contendores um cacho de bananas — e não haverá guerra".

Ora a verdade é que a fome de terra do desgraçado camponês mexicano, subhomem dum país potencialmente tão rico, ao ver-se satisfeita pela repartição da terra dos *ejidos*, fez abrandar o ímpeto revolucionário dessa camada marginal da população — e hoje o México é um dos países do Terceiro Mundo em que os assomos brigões de antanho são apenas, ou pouco mais, história para contar e não já para viver.

É a esta divisão das terras baldias do Estado ou dos municípios entre quem as cultive que o México de hoje chama, com grande orgulho — a Revolução Agrária, que se tem processado e vai seguindo sem solavancos, sem querelas, sem atritos, muito antes pelo contrário: com alegria e proveito dos beneficiados, com tranquilidade de espírito e de consciência dos governantes que presidem a esta obra de aproveitamento do que até à sua mobilização tem sido uma riqueza apenas potencial — e com incontestável enriquecimento do país, que na produção crescente das explorações das terras *ejidales* vai podendo ampliar cada vez mais um surto de industrialização bem fundada, sensatamente implantada, aproveitando o industrial para o seu labor o que a terra dá, aquilo que o *ejidatário* dela vai tirando, com o seu esforço redobrado ao saber que está trabalhando sem salário, mas com lucro próprio, numa terra que é sua.

No nosso país já tivemos, há poucas dezenas de anos, um caso idêntico, quando o município alentejano de Serpa resolveu repartir terrenos baldios seus, na Serra, por agricultores que os cultivassem. O caso foi falado na ocasião — em bem e em mal; em bem, porque havia quem tivesse visto na iniciativa interessante um caminho aberto para a obtenção dum verdadeiro *Bem — estar Rural*; quem recebeu os terrenos baldios da Serra de Serpa e teve qualidades e oportunidades para os cultivar rendosamente, considerou-se, evidentemente, como tendo recebido o seu *cacho de bananas* da anedota acima lembrada e não terá pensado mais em reivindicações; e quem os recebeu e não teve essas qualidades ou essas oportunidades cedeu o seu lugar a outrem — e tudo se compôs em paz e sossego, começando os maninhos da Serra de Serpa a serem terrenos de cultura, fontes de proveito e de bem-estar, de mediania independente e calma, sem agitações, sem contendas, sem guerras...

A sentença estava certa: dando a cada contendor um *cacho de bananas* — não haverá guerra.

Tenho à mão alguns elementos recentes, publicados em Julho de 1968, relati-

vamente ao Estado mexicano de Morelos, que vale a pena tornar conhecidos, como exemplo do que nesse campo dos *ejidos* se pode conseguir em qualquer parte desde que se proceda no caso às necessárias adaptações com inteligência e boa-fé: os resultados ali obtidos são considerados *um êxito brilhante*.

O *ejidatário* recebe uma pequena casa, que vai ser o seu *lar*, que ele tem a natural tendência para conservar, ou mesmo ampliar, e sempre a dignificar. Esse *lar* dispõe de 3 quartos, cozinha e sala de jantar.

Há também no *ejido*, um estábulo, uma pocilga e um galinheiro, e ainda um colmeal.

Para o estábulo recebe duas vacas leiteiras (Holstein); dois porcos, 25 galinhas e 3 enxames de abelhas. Para o pomar recebe árvores de fruto, adaptáveis aos diversos locais.

O pagamento dos abonos só começa a ser feito a partir do 5.º ano de exploração. Entretanto, em Morelos, verificou-se que houve quem pudesse começar a pagar a dívida logo pouco depois do 3.º ano da posse dos bens, para que o beneficiário mais depressa pudesse começar a chamar seu àquilo que seu mesmo viria a ser depois de paga a dívida total...

Funcionam na área duas escolas rurais, de monitores agropecuários, preparados em 40 semanas: uma para rapazes e outra para raparigas, estas com educação tendente a encaminhá-las para serviços sociais...

Para se evitar a intromissão de intermediários parasitas no circuito comercial dos produtos dos *ejidos*, que logo tendem a ocorrer, foi solicitado o auxílio financeiro do Estado.

E não foi esquecida a rega *ejidal*, com as águas reguladas de modo a poderem ser constituídos prados cujos pastos são a base das explorações pecuárias dos colonos — ontem uma subhumanidade pelintra e por certo descontente, amanhã transformada quiçá em agricultores desafogados cuja mediania será uma forma de tranquilidade social e base estável duma economia sem sobressaltos, sem remendos, sem improvisações que tão caras ficam aos países que possuam o mau fado de de as suportar.

O CINQUENTENÁRIO DA O.I.T.

A organização internacional do trabalho e a sua cooperação com a O. C. D. E.

Por
JOSÉ LUÍS PESSOA DA GRAÇA

APESAR das diferenças existentes nas respectivas composições, objectivos gerais e métodos de trabalho, a OCDE e a OIT apresentam no conjunto um certo paralelismo nos seus pontos comuns.

A OIT é uma instituição especializada das Nações Unidas, a qual se mantém afastada, tal como a OCDE, das controvérsias políticas entre os países ou grupos de países a ela aderentes. O seu fim é o pôr-se à disposição dos países que dela fazem parte para assegurar a execução das normas internacionais por ela estabelecidas (ver organigrama adiante publicado).

Por seu turno, a OCDE considera absolutamente necessário reforçar e desenvolver a economia geral, preservar a liberdade individual e aumentar o bem-estar geral, e para conseguir tais «desideratuns» dedicou-se afincadamente ao objectivo de realizar a maior expansão da economia e do emprego, bem como a progressão do nível de vida nos países-

-Membros e nos não-Membros em vias de desenvolvimento.

A fim de evitarem as sobreposições de actividades, de melhor concentrarem os seus esforços na utilização, tão eficaz quanto possível, dos recursos disponíveis e de mutuamente se encontrarem informadas dos resultados das actividades operacionais seguidas nos países em vias de desenvolvimento, as duas Organizações puzeram em execução todo um sistema que prevê:

1. consultas mútuas;
2. troca de representações em certas reuniões;
3. a coordenação de reuniões periódicas técnicas;
4. o fornecimento pelo BIT (Bureau International du Travail) de serviços técnicos de que a OCDE pode necessitar para o prosseguimento das suas próprias actividades;

5. a intervenção do BIT, na sua qualidade de agente da OCDE, na execução de determinadas tarefas operacionais empreendidas por esta última, e, neste caso, pode a OCDE entrar com os fundos necessários ou reembolsar despesas;

6. intercâmbio de informações e documentação de interesse para ambas as Organizações;

7. a cooperação do BIT com todos os organismos especializados europeus que funcionam sob a égide da OCDE.

Estas disposições, apenas modificadas em pequenos detalhes, estão, no entanto, em pleno funcionamento.

O que é a OIT e as suas actividades

Ao celebrar este ano o seu cinquentenário, testemunha a OIT, de modo bem evidente, o valor da sua acção.

É uma das raras Organizações que sobreviveram à extinta Sociedade das Nações, dado que a sua criação data de 1919, dentro do quadro das negociações de paz que se seguiram à I Guerra Mundial.

A Conferência da Paz, reunida em Paris, tomou a decisão de criar uma Comissão de Legislação Internacional do Trabalho, composta por representantes governamentais e ser o porta-voz do patronato e dos trabalhadores, e a sua estrutura, com ligeiras modificações, se tem mantido até os nossos dias (OIT), dentro do organigrama que já citámos.

A Sociedade das Nações desapareceu, mas a OIT prosseguiu as suas actividades e tornou-se a primeira instituição especializada no seio das Nações Unidas. A sua acção é fundada na convicção de "que a miséria de uns constituiu uma ameaça para a prosperidade de todos".

As actividades de cooperação internacional seguidas pela OIT a favor dos trabalhadores de todos os países revestem-se principalmente de três formas:

a) — elaboração de normas internacionais aplicáveis às condições de vida e de trabalho;

b) — cooperação técnica e

c) — pesquisa e publicações.

A Conferência Internacional do Trabalho reúne-se todos os anos em Genebra para examinar os problemas que se apresentam nos campos social e do trabalho.

O Conselho de Administração, que é composto por representantes dos Governos, empregadores, e trabalhadores, reúne-se normalmente três vezes por ano para controlar e orientar as actividades da Orientação.

O Bureau Internacional do Trabalho, que conta com 2000 agentes, forma o secretariado da OIT e esta dispõe igualmente dum certo número de «bureaux» regionais e locais espalhados pelo Mundo inteiro.

O Código Internacional do Trabalho

O respeito pelas liberdades fundamentais da pessoa humana supõe o estabelecimento de um vasto código de regras jurídicas e práticas posto em execução pelos países-Membros, e isso é uma das tarefas essenciais da OIT que, até hoje, já publicou 128 Convenções e 132 Recomendações, cujo conjunto constituiu o que se chama o Código Internacional do Trabalho.

Toda uma série de Convenções procuram antes de tudo a protecção de certas liberdades e direitos fundamentais do Homem, as quais abarcam os quatro campos seguintes:

1. A protecção contra o trabalho forçado;
2. A liberdade de associação;
3. A eliminação das discriminações;
4. O pleno emprego;

As condições de trabalho da criança e da mulher, os regulamentos da segurança relativos à manipulação de produtos tóxicos e sobre máquinas perigosas e ainda acerca da automação têm sido motivo de estudos atentos da ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO.

(Continua)

Elementos colhidos da revista
«L' OBSERVATEUR DE L' OCDE»
Abril 1969



CAÇA E PESCA

PERDIGUEIROS

Por
ALMEIDA COQUET

DEVO confessar a culpa de ter gasto a minha vida toda de caçador sem dar atenção cuidada ao magno e interessante assunto do aperfeiçoamento dos nossos cães de perdiz. Hoje em dia arrependo-me, como se costuma dizer: *torço a orelha e não deita sangue...* mas já não tenho tempo pois, com 75 à porta, falta, mais que não seja, a energia precisa para um trabalho ingrato como este.

Quando nos primeiros anos deste século comecei a caçar com meu Pai, tive ocasião de apreciar o trabalho de bastantes perdigueiros. Mas caça, graças a Deus, não faltava e, talvez por isso, quase todos os cães eram bons. E à nossa volta, no grupo de caçadores que mais de perto víamos, havia geral satisfação quanto aos cães e aqui no Norte, entre os caçadores, nem se falava em apurar raças seguindo qualquer conselho de canicultores nacionais ou estrangeiros.

Geralmente as coisas corriam assim: **A** tinha um bom cão e **B** uma boa cadela; se era altura fazia-se logo ali a combinação para o casamento e pronto, chegada a ocasião, seguia a boda e, mais tarde, a distribuição de cachorros pelos interessados.

Como exemplo, um caso passado co-

migo. Por volta de 1921 — estava eu sem cão — deram-me um de seis meses, todo preto — JAU de nome, é claro — que comecei a ensinar. Estávamos em Setembro, e com a primeira codorniz saltada e morta à frente do cachorro e, dias depois, uma perdiz numa encosta do montado, foi o bastante para o considerar caçador! Daí em diante, sempre a subir, com narizes à farta, até concluir dez anos de muito caçar. Depois veio o declínio e morreu aos onze deixando uma saudade que ainda hoje relembro.

Ora, a que propósito vem isto?

É que fui hoje ao dentista e enquanto esperava pela minha vez, folheando os restos de revistas e jornais antigos que sempre topamos nas saletas dos consultórios, encontrei uma «DIANA» — o número 158 de Fevereiro de 1962 — com duas cartas, uma do Conde de Murça e outra do Dr. João Bravo: A PROPÓSITO DO PERDIGUEIRO PORTUGUÊS!

Ambos em desacordo...

Escusado será dizer que o assunto, para mim, era de interesse; e tanto, que o tempo correu lesto e pouco me pareceu ter esperado...

Mas vamos ao caso. O Dr. João Bravo tem algumas afirmações que peço vénia para transcrever:

«... começando logo as minhas reticências no que se refere ao tipo de cão que entre nós se designa por perdigueiro nacional e que, quanto a mim, talvez estivesse mais certo designar por perdigueiro do Norte e a que o Prof. Fernandes Marques foi buscar o estalão da raça por ele fixado e que tem servido para seleccionar, através das exposições caninas, principalmente, o perdigueiro chamado nacional que todos nós conhecemos. O meu contacto com ele, obtido unicamente pelo acaso de ir à caça juntamente com algum caçador que o tenha preferido, e que não me tem deixado boa impressão, sobretudo quanto a «nariz», que me tem parecido francamente curto»...

Bem. Isto foi escrito há mais de seis anos e podem as opiniões ter mudado muito de então para cá. Respiro, porém, ainda mais esta apreciação:

«Repara, no entanto que a própria índole da perdiz e o tipo de vegetação predominante no Norte do País, assim como o próprio estilo de caçar—e ninguém contesta que o chamado perdigueiro português nos veio de lá—nos conduzem a um tipo de cão em que o grande nariz e os andamentos largos do cão «pointerizado» interessam menos do que a lentidão mais segura e o nariz mais baixo e peugueiro do perdigueiro nacional».

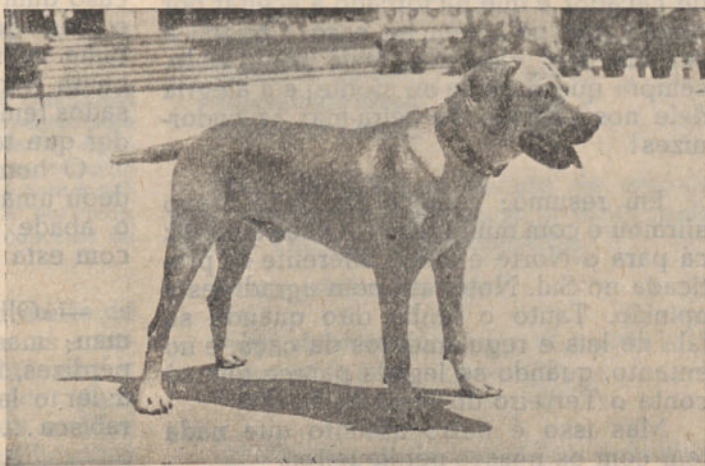
Foram estas linhas que me espicaçaram um pouco e me tentaram a dar aqui uma modestíssima opinião. Eu falo pelo que vi de perdigueiros cá do Norte desde os anos 1908-1910 até 1945. Tínhamos duas maneiras de caçar à perdiz: no Entre Douro-e-Minho, no Minho, sul do rio Douro até às serranias do interior, e em mui-

tos sitios semelhantes, em bouças, terrenos de urze, giestais, carqueja, tojos, com veigas relativamente próximas, a regra era naturalmente cães à nossa frente; no Alto Douro e Nordeste, e para sul todas as serranias até, digamos, uma linha de Leste a Poente e a Norte da Serra da Estrela, em ala de cinco ou seis armas, conservando o mais possível o trajecto das curvas de nível, «cimeiro» atrasado, e as restantes armas mais adiantadas, em escalão, até ao «fundeiro» bem à frente, tentando levar as perdizes para a frente e fundos, com os cães aos calcanhares, só para bocar e tirar de ferido.

Nesta segunda forma de caçar, o cão deixava de constituir o elemento tão belo que é como elemento essencial nas diversas fases da caçada; desempenhava apenas o papel de «retriever» — aliás bem importante.

Só, portanto, na primeira forma de caçar podemos emitir opinião quanto às qualidades do nosso perdigueiro, que nessas já afastadas épocas, se traduzia em vários tipos de cão, evidentemente menos rápidos que os «pointerizados», mas muitos, mesmo muitos, com narizes **nada curtos** e a cabeça levantada a meia altura.

Eram perdigueiros nacionais? Deus me livre fazer tal afirmação. Já se dizia por volta de 1910 que havia cães bastante sangue francês e espanhol(?). E também já apareciam alguns «pointerizados» como os cães do Dr. Elísio de Castro e



Menos veloz que o pointer? Sem dúvida, mas isso não implica nariz baixo e peugueiro

outros, porque no geral, era uma mistura do que havia cá no Norte, sem preocupações de pureza.

Não me proponho escarpelizar o que já está largamente apreciado por tantos outros, de que eu destaco o Padre Domingos Barroso; e de Armando Correia, Leopoldo Carmona, Fernandes Marques e Eurico Basto Correia, com apoio em espanhóis, franceses e ainda no célebre Arkwright. Apenas pretendo frisar que, em minha opinião, os perdigueiros nortenhos não eram assim tão lentos no trabalho como se pode depreender da opinião do Dr. João Bravo. A velocidade dos «pointers» é naturalmente consequência da sua configuração anatómica, da sua índole e do ensino. É um cão de planície. Os nossos perdigueiros do Norte, a trabalhar em terreno acidentado e por vezes difícil, tinham no entanto de ser rápidos sem andar a galope. Exigia-se, portanto, que tivessem bons narizes, de ventos largos, para não perderem tempo a bater terreno inútil. Só na busca do ferido baixavam a cabeça, seguindo a pégada; de resto, como disse, cabeça a meia altura, de acordo com o pescoço mais curto que o dos pointers.

Por isso, se ao Dr. João Bravo não agradaram então os perdigueiros nortenhos que viu caçar a seu lado, isso só pode ter uma explicação: pouca sorte, pois muitos dos nossos cães lhe poderiam ter agradado e dado prazer.

Eu só tive um pointer na minha vida de caçador e que fui forçado a aceitar por razões que não vêm ao caso. Chegou a ser um bom cão, mas fazia pena vê-lo, sempre que o metia ao monte; e a alegria dele nos campos da beira-mar às codornizes!

Em resumo: como o Dr. João Bravo afirmou e com muita razão, a caça à perdiz cá para o Norte é muito diferente da praticada no Sul. Notei até com agrado esta opinião. Tanto o tenho dito quando se fala de leis e regulamentos da caça, e no entanto, quando se legisla parece que só conta o Terreiro do Paço...

Mas isso é outro assunto que nada tem com os nossos perdigueiros.

E já agora, para terminar, e a propósito dos cães «pegueiros» lembra-me o



Belo padrão, capaz de «ventar» a distância, sem hábito de «pegueiro».

caso dum bom caçador de aldeia a quem o abade da freguesia — também caçador — tinha impingido um cão já caçado, coisa muito fraca, mas elogiando-o muito. Passados tempos, o abade perguntou ao caçador que tal era o cão...

O homem torceu o chapéu, tartamudeou umas palavras sem sentido, e como o abade insistisse na pergunta, saiu-se com esta resposta:

— «Olhe, Senhor Abade, ele não é mau; mas no monte, quando sente as perdizes, faz-me lembrar o Senhor Abade a ler o latim da missa; rabisca, rabisca, rabisca... e não sai do sítio!

Gravuras do livro «O Perdigueiro Português» de Padre Domingos Barroso.

Serviço de

CONSULTAS

REDACTORES—CONSULTORES

Prof. António Manuel de Azevedo Gomes — do *Instituto S. de Agronomia*; Dr. António Maria Owen Pinheiro Torres, Advog.; Dr. António Sérgio Pessoa, Méd. Veterinário; Artur Benevides de Melo Eng. Agrónomo — *Chefe dos Serviços Fitopatológicos da Estação Agrária do Porto*; Prof. Carlos Manuel Baeta Neves — do *Instituto Superior de Agronomia*; Eduardo Alberto de Almeida Coquet, Publicista; Dr. José Carrilho Chaves, Médico Veterinário; José Madeira Pinto Lobo, Eng. Agrónomo, J. Pinto Machado — *Arquitecto*; Mário da Cunha Ramos, Eng. Agrónomo — *Chefe do Laboratório da Estação Agrária do Porto*; Pedro Nuncio Bravo, Eng. Agrónomo — *Director da Escola de Regentes Agricolas de Coimbra*; Vasco Correia Paixão, Eng. Agrónomo — *Director do Posto Central de Fomento Apícola*.

I — AGRICULTURA

N.º 44 — Assinante n.º 45 545 — Fornos de Algodres.

COMPOSIÇÃO DE ADUBOS

PERGUNTA — Como os adubos compostos ficam um pouco caros e, por vezes, de região para região é variável a necessidade das terras, agradeia o favor de me indicar qual a percentagem que devo fazer de adubos elementares para a cultura da batata, da vinha e quantidade por cepa.

A minha região é a Beira Alta, concelho de Fornos de Algodres.

RESPOSTA — Embora tenha muito de defensável o ponto de vista que se apresenta, é certo que o pretender compor misturas de adubos sem oferecer para base da formulação boletins de análise dos solos, culturas seguidas, fertilizações efectuadas, etc., é quase igualar os dois sistemas de adubação. Assim, fica-se limi-

tado a aconselhar um tipo genérico de adubação. O conhecimento geológico da região não é suficiente para estabelecer uma feição agrológica perfeita. Poderá aplicar para a batata por Ha:

Estrume de curral . . .	20 toneladas
Sulfato de amónio . . .	400 kg
Superfosfato 18 o/o . . .	300 »
Cloreto de potássio . . .	150 »

Pode substituir o sulfato de amónio pela cianamida cálcica, e o super pelo fosfato Thomas, conjuntamente.

Para a vinha, por pé:

Sulfato de amónio . . .	60 gramas
Superfosfato 18 o/o . . .	120 »
Cloreto de potássio . . .	50 »

Igualmente pode substituir o sulfato de amónio e o super pela cianamida e o fosfato Thomas. É muito natural que a

vinha necessite de matéria orgânica. Uma estrumação de 20/40 toneladas por Ha, de 4 em 4 anos, ou uma sideração com leguminosas, era conveniente. — *M. Ramos.*

III — VITICULTURA

N.º 45 — Assinante n.º 43859 — Marco de Canaveses.

PORTA ENXERTOS DA Videira na Região dos Vinhos Verdes

PERGUNTA — Nesta região, para substituir o Jaquez, como cavalo, emprega-se a vide Corriola.

Desejava a fineza de me elucidar sobre o seu valor, resistência filoxérica, afinidade para as castas tradicionais do Minho e Douro Litoral (vinhos verdes), a sua origem e sobretudo o que interessasse sobre o seu valor prático, nesta região, ou se haveria qualquer outro cavalo de maior valor.

RESPOSTA — A Corriola é um esplêndido porta-enxerto para os terrenos aonde normalmente se faz a cultura da videira na Região dos Vinhos Verdes — terrenos relativamente ricos e bem ou regularmente fertilizados e regados.

Vai ainda bem em terrenos em que estas condições sejam menos favoráveis, apresentando boa afinidade para com as tradicionais castas dos Vinhos Verdes às quais imprime um notável vigor.

Para esses mesmos terrenos pode ainda utilizar-se o 420 A, o Teleck 8 B ou ainda o moderno S04.

Nos terrenos secos e menos férteis deverão plantar-se antes os híbridos de Richeter, especialmente o R 99 e o R 110.

A origem da Corriola é mal definida. — *Madeira Lobo.*

VII — PATOLOGIA VEGETAL E ENTOMOLOGIA

N.º 46 — Assinante n.º 41373 — Braga.

COMPOSIÇÃO DE CALDA

PERGUNTA — No jornal «O Primeiro de Janeiro», de 22 de Março findo, e na secção «Campos e Jardins», um Sr. Engenheiro Agrónomo diz que a espessura da casca das laranjas pode ser diminuída com pulverizações de sulfato de zinco, a 0,2 o/o,

neutralizada com calda. Venho pedir o favor de me informar o seguinte:

1.º — Se 0,2 o/o quer dizer 200 gramas para 100 litros de água;

2.º — Como costume tratar as laranjeiras pela calda bordalesa, posso dissolver ao mesmo tempo o sulfato de cobre e o sulfato de zinco, fazendo assim ao mesmo tempo um tratamento pelos dois sais, associados na mesma calda?

RESPOSTA — Em resposta ao solicitado pelo Sr. Consulente devo informar:

1.º — De facto a dosagem de 0,2 o/o, significa no caso da consulta, que 200 grs de sulfato de zinco devem ser dissolvidos em 100 litros de calda bordalesa.

2.º — Se a composição da calda bordalesa que utilizar for 1 kg de cal, mais 1 quilo de sulfato de cobre, para 100 litros de água, não receie o perigo que possa surgir pela adição de sulfato de zinco a 0,2 o/o.

Tenha presente que a margem de cal que existe na fórmula do bordalês que lhe indicamos é mais do que suficiente para a neutralização do sal de zinco a que nos referimos. — *Benevides de Melo.*

XIV — ZOOTECNIA

N.º 47 — Assinante n.º 42044 — Lisboa.

SUINOS PARA PRODUÇÃO DE CARNE

PERGUNTA — Estando interessado em adquirir, para criação, uma boa raça de porcos para carne (não gordura), para a minha quinta designada «Quinta da Torre», Coimbra, muito agradecia se dignasse informar-me qual a melhor e onde poderia encontrá-la.

RESPOSTA — Em nossa opinião, a melhor raça estrangeira para o fim em vista é a «Landrace».

A raça Malhada Nacional — Produto de estudo profícuo da Estação Zootécnica Nacional, das raças nacionais é a melhor.

Como o senhor assinante está interessado em adquirir uma boa raça, sugerimos a «Landrace».

Ambas podem ser adquiridas na Estação Zootécnica Nacional (Fonte Boa) — «Vale de Santarém», ou talvez na Estação de Fomento Pecuário de Lisboa — «Venda Nova» (Amadora). — *Carrilho Chaves.*



INFORMAÇÕES

Calendário de Junho

Durante este mês a duração do dia é de 14 h. e 43 m. em 1 e de 14 h. e 51 m. em 30.

DATAS	SOL		LUA	
	Nasc.	Pôr	Nasc.	Pôr
1 Domingo	5.13	19.56	21.43	5.32
2 Segunda.	5.13	19.56	22.43	6.39
3 Terça	5.13	19.57	23.31	7.54
4 Quarta.	5.12	19.58	*	9.13
5 Quinta.	5.12	19.59	0. 9	10.29
6 Sexta.	5.12	19.59	0.39	11.41
7 Sábado	5.12	20. 0	1. 5	12.50
8 Domingo	5.12	20. 0	1.28	13.55
9 Segunda.	5.12	20. 1	1.51	14.59
10 Terça	5.11	20. 1	2.13	16. 3
11 Quarta	5.11	20. 2	2.38	17. 7
12 Quinta	5.11	20. 2	3. 6	18.11
13 Sexta	5.11	20. 3	3.40	19.13
14 Sábado	5.11	20. 3	4.19	20.11
15 Domingo	5.11	20. 3	5. 6	21. 3
16 Segunda.	5.11	20. 4	5.59	21.48
17 Terça	5.12	20. 4	6.58	22.26
18 Quarta	5.12	20. 5	8. 0	22.57
19 Quinta.	5.12	20. 5	9. 2	23.25
20 Sexta.	5.12	20. 5	10. 4	23.48
21 Sábado	5.12	20. 5	11. 5	*
22 Domingo	5.13	20. 5	12. 7	0.11
23 Segunda.	5.13	20. 5	13.10	0.32
24 Terça	5.13	20. 6	14.17	0.55
25 Quarta	5.13	20. 6	15.28	1.20
26 Quinta.	5.14	2.0 6	16.43	1.49
27 Sexta	5.14	2.0 6	18. 1	2.26
28 Sábado	5.15	2.0 6	19.18	3.14
29 Domingo	5.15	2.0 6	20.52	4.14
30 Segunda.	5.15	2.0 6	21.20	5.27

Q. M. em 7 às 3 h. e 39 m.; L. N. em 14 às 23 h. e 9 m; Q. C. em 23 às 1 h. e 44 m.; L. C. em 29 às 20 h. e 4 m.

A Telescola Participa nas Comemorações do Centenário do Nascimento de Gago Coutinho

O Instituto de Meios Audio-Visuais de Educação associou-se às manifestações culturais que assinalam, este ano, a passagem do centenário do nascimento do almirante Gago Coutinho.

Para tanto, o Imave organizou um plano de lições através do Ciclo Preparatório T. V. da Telescola, decorrendo de 21 de Fevereiro a 17 de Junho e abrangendo as disciplinas de Língua Portuguesa, Ciências da Natureza, História e Geografia, Desenho e Trabalhos Manuais.

Através de 17 lições e de acordo com a substância das respectivas disciplinas, o Imave programou um amplo quadro da figura e da obra do heróico marinheiro e ilustre homem de ciência e do lugar que ocupam, não apenas na História Pátria, como na História da evolução do domínio dos espaços pelo Homem. Até agora, foram já ministradas lições em que se focou a infância de Gago Coutinho; o que nele revela já o interesse pelo nosso Ultramar e pelos estudos científicos; um sonho do Homem já muito antigo: voar; a lenda; um homem extraordinário: Leonardo da Vinci; os percursos da aviação, com relevo para o padre Bartolomeu de Gusmão; os pioneiros da aviação; o mais leve e o mais pesado que o ar; relevo para Santos Dumont e os irmãos Wright; missões geográficas chefiadas por Gago Coutinho em Timor e Moçambique; delimitação de fronteiras; primeiro encontro com Sacadura Cabral; e trepando aos cones vulcânicos de S. Tomé; determinação da passagem «rigorosa» do Equador.

O vasto programa, em que houve o cuidado de estabelecer uma perspectiva facilmente receptível pela mentalidade do jovem auditório a que se destina, mas dando, simultaneamente, a justa medida do valor da obra realizada pelo eminente geógrafo, matemático e navegador, prossegue, com os seguintes tópicos: Gago Coutinho nas suas relações com os indígenas; Gago Coutinho tem o seu baptismo do ar; problemas de orientação nos vóos fora da vista da terra; um acontecimento que veio redobrar o entusiasmo pela viagem projectada: a presença em Lisboa dos aviadores norte-americanos Read, Stonee e Hinton (Terra Nova-Açores-Lisboa); viagem Madeira-Lisboa; o sextante dá as suas provas; implicações científicas da viagem; implicações históricas da viagem; a viagem e o triunfo; a orientação na actualidade, teleguiados;

Propagar e difundir a «Gazeta das Aldeias» é um dever que se impõe aos que da Terra vivem.

presente e futuro da aviação; as repercussões do acontecimento.

Entretanto, ao longo de todo o período comemorativo foi estabelecido, também, um programa de apoio a dar pelas disciplinas de Desenho e Trabalhos Manuais, nas quais os alunos executarão um painel colectivo alusivo à travessia do Atlântico Sul e outro sobre a chegada do avião ao Rio de Janeiro; e igualmente em trabalho colectivo, um baixo relevo de homenagem a Gago Coutinho e uma construção do «Lusitânia».

Estado das culturas em 30 de Abril

Informação fornecida pelo Instituto Nacional de Estatística

Abril, contrariando alguns adágios que correm a seu respeito, foi, dos últimos seis meses, o único em que a precipitação média se situou nitidamente abaixo do valor normal.

Após uma primeira década de tempo invernos — aguaceiros dispersos, temperaturas baixas, e queda de neve nas terras altas do centro e norte —, seguiu-se uma segunda década de tempo seco e temperaturas amenas. Durante a terceira década, voltaram a registar-se alguns dias de chuva, em regime de aguaceiros dispersos, principalmente nas regiões do norte, mantendo-se as temperaturas a rondar os valores normais da época.

De um modo geral, as características climáticas do mês podem considerar-se favoráveis às culturas cerealíferas. Todavia, as searas mostram os efeitos das chuvas intensas a que estiveram sujeitas, durante a maior parte do seu ciclo vegetativo, principalmente as situadas em terras baixas e mal drenadas, muitas das quais se perderam totalmente.

Como regra, as searas temporãs apresentam pior aspecto do que as semeadas mais tarde. Estas últimas, em algumas regiões, ainda se desenvolvem razoavelmente o que, todavia, não foi suficiente para impedir uma descida geral nas cotas de previsão do rendimento médio dos cereais de praga. Em relação às produções médias por hectare registadas em 1968, previam-se, no fim de Abril, 63, 91, 80 e 74%, respectivamente, de trigo, centeio, aveia e cevada.

Os favais, além de atrasados, acusam os efeitos das condições de tempo adversas verificadas durante a floração. Prevê-se, como consequência, um fraco rendimento médio desta leguminosa, cerca de 67% do verificado o ano findo.

Os viveiros de arroz apresentam bom aspecto, tendo-se iniciado a plantação em alguns locais.

Os preparativos para as culturas de Primavera fizeram-se com intensidade, mas as sementeiras encontram-se atrasadas devido não só à impossibili-

dade de mobilizar algumas terras, que ainda se encontram encharcadas, como há falta de mão-de-obra e de máquinas em quantidade suficiente para execução oportuna de todos os trabalhos. A primeira estimativa da área ocupada por trigo de Primavera é de 66% em relação ao ano anterior, o que significa ter sido impossível ressemeiar com variedades de Primavera as áreas de trigo de Inverno inutilizadas ou que não chegaram a ser semeadas na época própria. A área ocupada por grão-de-bico também acusa uma quebra acentuada — menos 38% que no ano anterior —, registada quase totalmente nas duas principais regiões produtoras, isto é, os distritos de Beja e Portalegre. As áreas de batata, milho e feijão de sequeiro também acusam decréscimos, mas de menor importância, relativamente às áreas habituais.

Com poucas excepções, as pastagens naturais e culturas forrageiras melhoraram notoriamente, não se tendo registado dificuldades na obtenção de forragens verdes para o gado. Espera-se uma colheita normal de feno.

Nas culturas permanentes, nomeadamente vinhas, pomares e olivais, a rebentação decorreu sem problemas, sendo regular o aspecto vegetativo das plantas.

Nas regiões do norte, a floração das vinhas e de algumas espécies de fruteiras — caso das macieiras —, por estar a decorrer com atraso, não chegou a ser afectada pelas condições de tempo adversas do mês anterior. Apenas as prunóideas foram prejudicadas nesta fase crítica do seu ciclo, receando-se que venha a ser fraca a produção de fruta de caroço.

Nas feiras e mercados a afluência foi reduzida, devido principalmente à intensificação dos trabalhos de campo, que dificultaram a deslocação dos agricultores.

De um modo geral, notou-se a elevação do preço dos produtos hortícolas, batata e fruta, como consequência da sua escassez.

Com excepção do movimento verificado através da Junta Nacional do Azeite, o comércio deste produto esteve praticamente paralizado, por não interessar aos armazenistas a sua aquisição aos preços da tabela em vigor.

Os borregos de carne atingiram preço elevado, mas continuam a registar-se dificuldades na colocação de gado suíno, que só tem procura a preços ruinosos para o produtor, situação estranha em face da estabilidade dos preços pagos pelo consumidor.

Os trabalhos próprios da época, como regra, encontram-se atrasados, tendo a procura de mão-de-obra excedido largamente a oferta, com a consequente subida de salários. Estes, em dias de ponta, atingiram níveis não justificáveis pela produtividade do trabalho produzido, motivo porque muitos agricultores estão a aligeirar ou mesmo a dispensar alguns amanhos culturais.

INTERMEDIÁRIO DOS LAVRADORES

Estrume de 1.^a qualidade, vende-se a 150\$00 a tonelada — Luciano Francisco Pereira — Alfena — Ermesinde. Telefone n.º 947115

Sr. Lavrador:

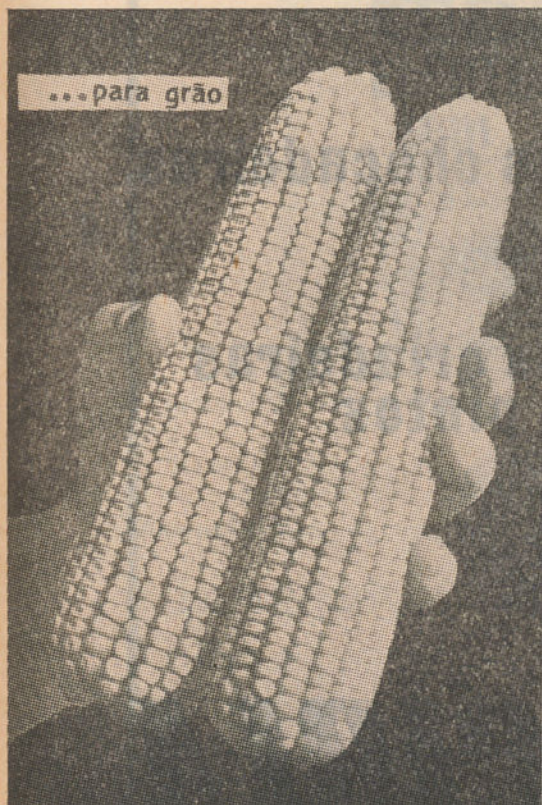
OS Milhos Híbridos D. M. B.

da Missão Biológica da Galiza (Espanha)

DE «CAULE AÇUCARADO»

4191

d ã o mais grão * mais forragem * mais lucro

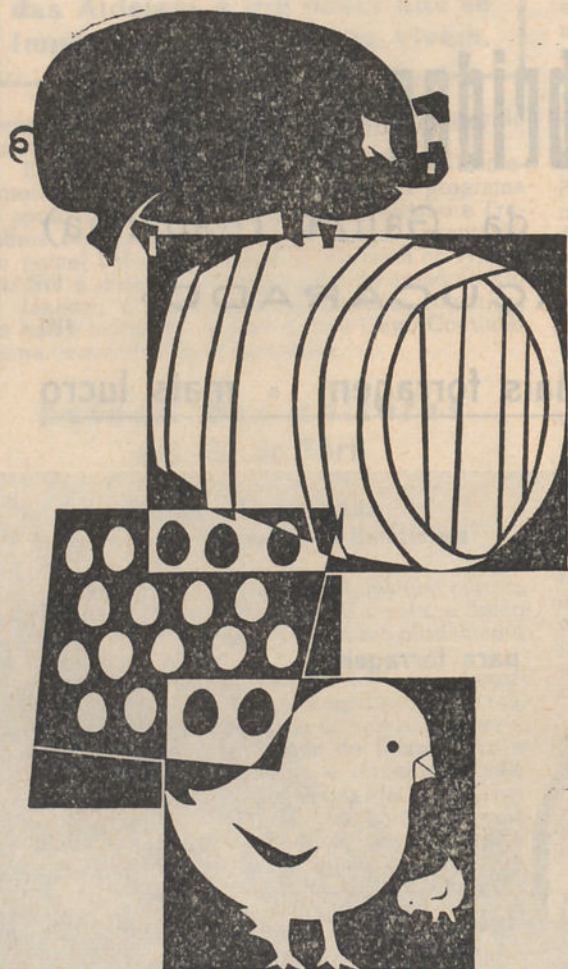


Peça lista aos Agentes Importadores exclusivos:

**CASA DAS
SEMENTES**

Alfredo Carneiro de Vasconcelos & Filhos

*Rua de S. João, 111 * PORTO * Telefone, 35101*



**Na chamusca
dos porcos**

**Na extracção
de sarro
do vasilhame**

Nas chocadeiras

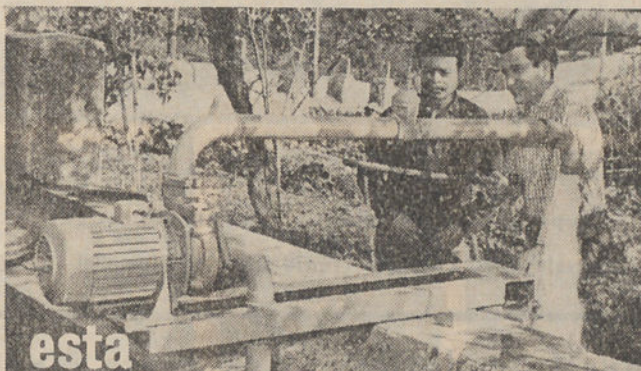
**Nas criadeiras
de pintos**

4372



PROPACIDLA

**O MELHOR GÁS
AO SERVIÇO
DA INDÚSTRIA**

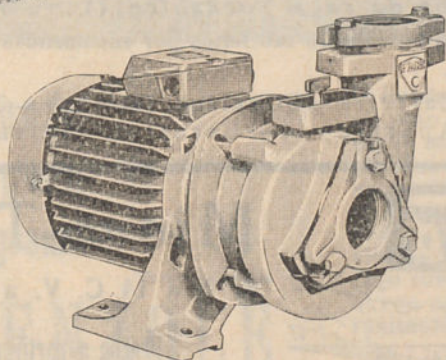


esta
ELECTROBOMBA
tem



Sim. A Garantia Total que lhe dá a EFACEC, a maior organização do País no ramo electrotécnico. Com o motor e a bomba fabricados pela EFACEC, a sua nova electrobomba para rega não lhe dará problemas. Confie nela, como confia no seu próprio trabalho.

Consulte o nosso Agente mais próximo que ele saberá aconselhá-lo da melhor maneira.



EXIJA SEMPRE ELECTROBOMBAS COM GARANTIA TOTAL EFACEC

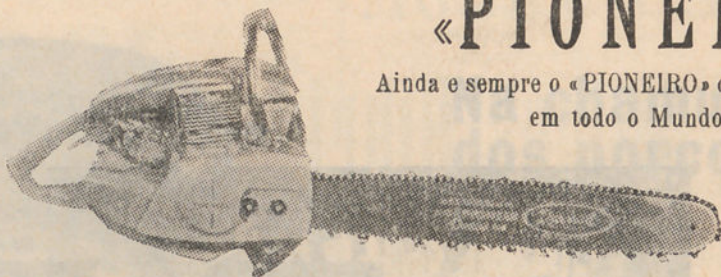


EFACEC, Empresa Fabril de Máquinas Eléctricas, s.a.r.l.

4419

«PIONEER»

Ainda e sempre o «PIONEIRO» das moto-serras em todo o Mundo.



Acceptamos agentes nas localidades disponíveis

Representantes exclusivos em Portugal

4417

Osório & Sottomayor, Lda.—Avenida dos Aliados, 200—Telef. 24254—PORTO

Sociedade Agrícola da Quinta de Santa Maria, S. A. R. L.

OS MAIORES VIVEIROS DO NORTE DO PAÍS

Plantas vigorosas e devidamente seleccionadas, de fruto, barbados americanos, *arbustos* para jardins, para sébes, para parques e avenidas, *roseiras*, *trepadeiras*, etc.

Serviços de assistência técnica e instalação de pomares

No seu próprio interesse, visite os n/ viveiros

Peça catálogo grátis

Fornecimento de animais das melhores procedências, rigorosamente seleccionados e acompanhados de registo genealógico.

- *Gado bovino leiteiro* (Holstein-Frisian)
- *Suínos da raça Yorkshire* (Large White)

8084

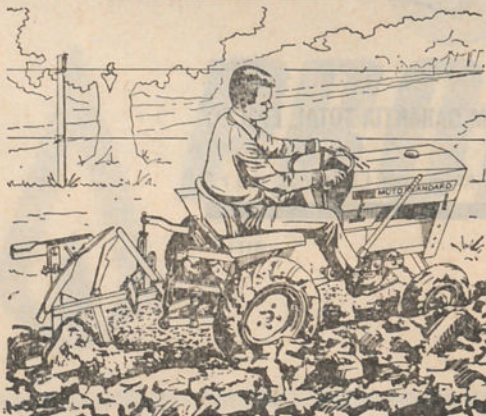
Todos os fornecimentos de animais são feitos por encomendas previamente confirmadas.

Departamentos de venda:

Viveiros:—Carreira—Silveiros (Minho)—Telef. 96271—NINE

Gados:—Apartado 4—Barcelos—Telef. 82340—Barcelos

Gutbrod



Micro-Tractores

de 8 a 14 C. V. a gasolina ou gasóleo

Preços a partir de Esc. 18.500\$00

O tractor das pequenas e médias propriedades, indicado para *lavar* ou *fresar* campos, vinhas e pomares, *pulverizar*, *ceifar* e *transportar* até 1.800 kgs. de carga.

42:0

Agência Geral Gutbrod

Rua de José Falcão, 152 a 156

Telefones: 20947 e 20948

P O R T O

Para quê ter sorte
e perdê-la com os vermes?



Quando pode
estar seguro
com o programa

Marca Registrada

THIBENZOLE

(thibendazole MSD)

MSD MERCK SHARP & DOHME
INTERNATIONAL

Division of Merck & Co., Inc. Rahway, N. J., E. U. A.

Investigação crescente para animais em crescimento

Representante e Distribuidor em Portugal:

SOC. COM. CROCKER, DELAFORCE & C.^ª

Rua D. João V, 2-2.º - LISBOA

4337

O criador, pode reduzir a um mínimo os prejuízos por causa dos vermes. A rotação dos pastos, o equipamento limpo, a boa drenagem ou qualquer outra prática recomendada, não são suficientes! Precisa do vermífugo conveniente e do adequado programa e desparasitação.

Por isso o programa do THIBENZOLE é o método de eleição - provado ser excepcionalmente eficaz contra cada fase do desenvolvimento dos vermes (destruindo também os ovos), em mais de 2 bilhões de animais em todo o mundo.

Por isso THIBENZOLE não custa - paga... 300 a 600% sobre o preço, no incremento da produtividade.

Srs. Avicultores
para
cada caso
uma especialidade

LABORATOIRE
King

Laboratório

o mais importante laboratório francês
de produtos para pecuária.

Coriza
e outras
Doenças
respiratórias
Coryciline
Alvamycine
Aerociline

Vermes
Monophene
Polyphene

STRESS
Oxazone
Polyvit

**Endurecimento
das cascas**
Synal

**Coloração
do ovo**
Ovicolor

**Coloração
da carne
do frango**
Totaluz

Coccidiose
Sulfadiazine

**Doenças
infecciosas**
Polysulfamide C

Choco
Antiprolactine

**Tónico
e estimulante
da postura**
Polyvit
Iodothyroxine

Desinfecção
Titanol

Desparasitação
Antex
Kal-Blanc

Desratização
Tridicoumarol

Peça informações aos nossos serviços
técnicos sobre os casos de utilização
de cada especialidade.

Representantes em Portugal

F. LIMA & C.ª SUCR., L.ª DA

Departamento Pecuário

Av. Fontes Pereira de Melo, 17, 4.ª - Lisboa 1.ª

Telefone 4 47 37

Os produtos da

UMUPRO

LYON - FRANCE



“Umurat” Cube

3139

Raticida moderno à base dum anticoagulante do sangue.

Agindo por hemorragias internas sem sintomas alarmantes para os restantes. Em cubos prontos a utilizar mas recuperáveis quando não consumidos.



“Helicide granulado”

Produto efficacíssimo na extinção dos caracóis, à base de metaldeído.



“Umucortil granulado”

Para combate aos ralos à base de clordane.

são distribuídos em Portugal por
Ferreira, Rio & C.ª, L.ª da

Rua do Almada, 329 1.ª - Telef. 23007 - PORTO

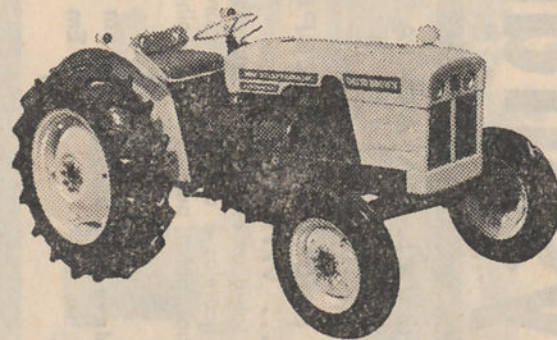


DAVID BROWN 780

selectamatic

O TRACTOR IDEAL PARA A LAVOURA DO NORTE

- POTÊNCIA 46 H. P.
- ELEVADOR HIDRÁULICO INCORPORADO, COM CONTROLE DE PROFUNDIDADE, ALTURA E TRACÇÃO
- TOMADA DE FORÇA INDEPENDENTE
- BLOCAGEM DO DIFERENCIAL
- EMBRAIAGEM DUPLA
- ASSENTO MÓVEL E OUTROS DISPOSITIVOS PARA MAIOR CONFORTO DO CONDUTOR



J. J. GONÇALVES, SUCRS. S. A. R. L. • DIVISÃO AGRÍCOLA • R. Alexandre Braga, 36—PORTO—Telef. 22868

Polysulfamide C

PÓ SOLÚVEL NA ÁGUA DA BEBIDA

associação de:

- 3 SULFAMIDAS ESPECÍFICAS
- E... VITAMINA C

Actua eficazmente sobre os estafilococos, estreptococos, pneumococos, salmonellas, colibacilos, pasteurelas e coccidias, causadoras das mais variadas doenças das galinhas, pombos, patos, perús, faisões, coelhos e porcos.

O produto que deve existir sempre

Em cada Aviário

Em cada Exploração Porcina

**King**
LABORATOIRE

o mais importante laboratório
francês de produtos para
pecuária.

Representantes em Portugal

F. LIMA & C.^A, SUCR, L.^{DA}

Departamento Pecuário

Av. Fontes Pereira de Melo, 17, 4.º - Lisboa 1

Telefone 44737

P. 3

4404

O Caminho de Ferro

é o transporte ideal,

pois é seguro, rápido

prático e económico.

1593

Relógio de Pesos

de caixa alta, mostrador e máquina de metal

COMPRA mesmo avariado,

Carlos Almeida

P. do Comércio, 37, 3.º - BRAGA

4418

SEMENTES

1862

ALÍPIO DIAS & IRMÃO recomendam aos seus Amigos e Clientes, que nesta época devem semear as seguintes variedades:

Alfaces, Beterrabas, Couves diversas: Couve flores, Couves bróculos, Penca de Chaves, Penca de Mirandela, Penca da Póvoa, Repolhos, Tronchuda, Ervilhas de grão, Espinafres, Feijões de vagem de trepar e anão, Rabanetes, assim como: Azevéns, Erva molar, Luzernas, Lawn-grass Ray-grass, Sorgo do Sudão, Trevos, etc., etc. e ainda uma completa coleção de Flores.

Se deseja SEMEAR E COLHER dê preferência às sementes que com todo o escrupulo lhe fornece a

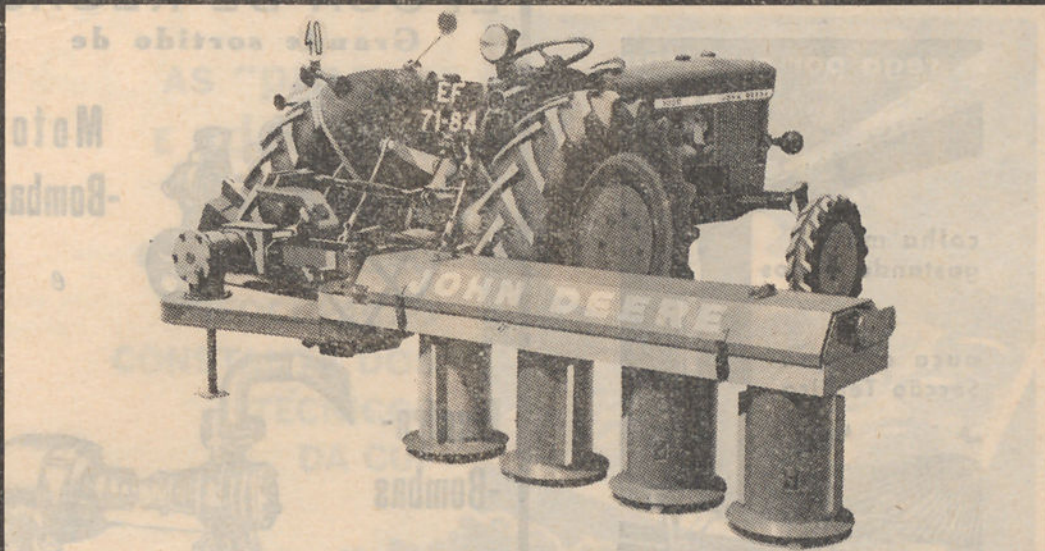
“SEMENTEIRA” de Alípio Dias & Irmão

Rua Mouzinho da Silveira, 176 — Telefones 27578 e 33715 — PORTO

CATÁLOGO — Se ainda não possui, peça-o

N. B. — Preços especiais para revenda que lhe será enviado gratuitamente





4 cilindros rotativos ao seu serviço na gadanheira rotativa John Deere

Cilindros independentes para acompanhar as irregularidades do terreno.
 Perfeita adaptação a terrenos pedregosos.
 Fluxo constante de alimentação que não permite «empapamento».
 Lâminas de corte por cilindro — 2
 Largura de corte — 1,60 m.
 Potência requerida — a partir de 35 C.V.
 Velocidade do veio da tomada de força — 540 r.p.m.
 Velocidade de trabalho — 10 a 12 Km/h.
 Peso — 360 Kg.
 Sistema de engate ao tractor — por 3 pontos da categoria I ou II.



SERVIÇO EM CARROS OFICINA
 PEÇAS LEGÍTIMAS

Guérin 1469

John Deere o maior produtor mundial de máquinas agrícolas

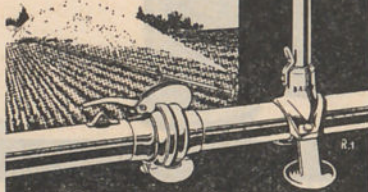


SOCIEDADE COMERCIAL GUÉRIN, S. A. R. L. — Avenida da Índia (Pedrouços) — Lisboa — Telef. 61 19 71/4
 Filiais, Agentes e Sucursais — Aveiro, Bemposta, Braga, Chaves, Coimbra, Évora, Faro, Portalegre, Sabugal, Santarém,
 Setúbal, Sousel, Torres Vedras, Viseu, Leiria, C. Branco, Porto, Bragança, Benavente, V. do Castelo, Mirandela, Vila Real.

rega por aspersão
SISTEMA **BAUER**

colha mais
gastando menos

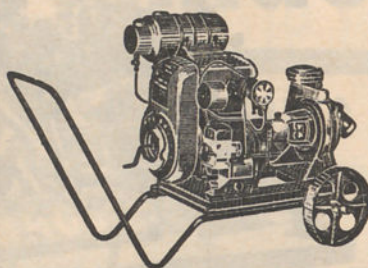
ouça a nossa
Secção Técnica



ENG. **GUSTAVO CUDELL**
PORTO — Rua do Balhão, 157
LISBOA-1 — Rua de Passos Manuel, 69-A

4413

ÉPOCA DE REGAS
Grande sortido de

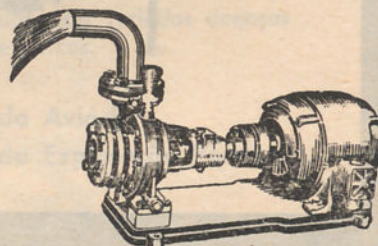


Moto-
Bombas

e

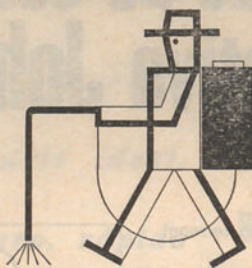
4201

Electro-
Bombas



Confie na grande experiência da
Casa Cassels

191 — Rua Mousinho da Silveira — PORTO
56 — Avenida 24 de Julho — LISBOA



Kauritil

Fungicida cúprico contra o mildio.
Especialmente recomendado
nos últimos tratamentos.



BASF Portuguesa S. A. R. L.
Rua de Santa Bárbara, 46-5°
Apartado 1438
Lisboa 1
Tel. 531117 - 19

BASF

ELPS 4407 p

GAZETA DAS ALDEIAS

AS "pragas"
E "doenças"
DAS VOSSAS
CULTURAS SÃO
PREOCUPAÇÃO
CONSTANTE DOS
TÉCNICOS
DA CUF



evite o mildio

COM
Aspor

* rápida acção fungicida, persistente e estimulante

* combate o mildio da videira, batateira e tomateiro

* eficácia comprovada
por inúmeros ensaios e vários anos de aplicação
Consulte o folheto e antes de usar leia o rótulo da embalagem.



COMPANHIA UNIÃO FABRIL 100 anos ao serviço da Lavoura
Depósitos e revendedores em todo o País

4330

Galinhas

Evita e combate doenças de todas as aves AVIOSE

Suínos, Bovinos

(Contra o fastio)—Fortifica e engorda . . . VITA-CEVA

Leitões - Vitelos

Indicado em todas as desenterias, complicações intestinais, etc.

. . . . SOLTURIN

Animais - Aves - Rações

Preparam-se juntando aos cereais ou resíduos « **Cálcio + Vitaminas e Antibióticos** » (Mais economia e eficiência)

Laboratório da Farmácia Pinho
GUIA — LEIRIA

4309

Titanol

- Bactericida polivalente
- Fungicida
- Viricida

- Desinfectante externo muito concentrado
- Pó solúvel na água
- Desinfecção das salas e locais de criação animal
- Lavagem e desinfecção do material de exploração pecuária.

Especialmente indicado nas Explorações Avícolas e Porcinas

Apenas uma dose em 50 litros de água de lavagem ou de pulverização
7 centavos por litro de solução desinfectante

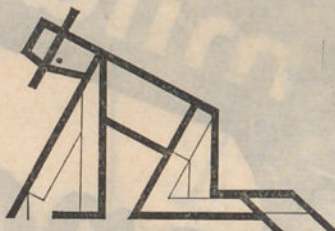

LABORATOIRE
King

o mais importante laboratório francês de produtos para pecuária.

- * Representantes em Portugal
- * **F. LIMA & C.ª SUCR., L.ª**
- * Departamento Pecuário
- * Av. Fontes Pereira de Melo, 17, 4.º
- * Telefone 4 47 37 - Lisboa 1

P. 2

4401



Dicarbam

Insecticida contra o escaravelho da batateira.

BASF Portuguesa S. A. R. L.
Rua de Santa Bárbara, 46-5º
Apartado 1438
Lisboa 1
Tel. 531117 - 19

BASF

ELPS 3403 p

GAZETA DAS ALDEIAS

CIANAMIDA CÁLCICA

CAL AZOTADA

20-21% DE AZOTO

**O ADUBO AZOTADO COM
MAIOR PERCENTAGEM DE CAL**

***OS MELHORES RESULTADOS EM SOLOS ÁCIDOS
NAS SEGUINTE CULTURAS:***

**ARROZ, MILHO, CEREAIS DE PRAGANA,
BATATA, OLIVAL, VINHA, POMAR, etc.**

E AINDA

**NA PREPARAÇÃO DE ESTRUMES E
NO COMBATE ÀS ERVAS DANINHAS**



COMPANHIA PORTUGUESA DE FORNOS ELÉCTRICOS

**INSTALAÇÕES FABRIS
CANAS DE SENHORIM**



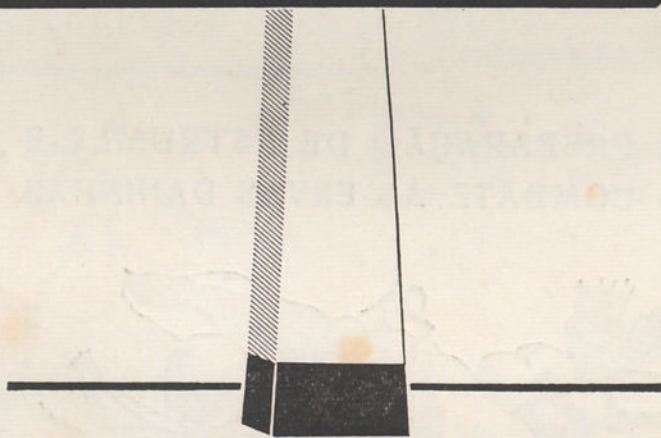
**SERVIÇOS AGRONÓMICOS
LARGO DE S. CARLOS, 4-2.º
LISBOA — TELEFONE 368989**

**PROTECÇÃO TOTAL
DAS SUAS CULTURAS,
COM PESTICIDAS**



**OS ADUBOS DAS
BOAS COLHEITAS**

NITRATOS DE PORTUGAL



**CAMINHO CERTO
DO BOM
AGRICULTOR**